



ANO XXI — N.º 1.089  
 Aveiro, 10 de Maio de 1952  
 Director: M. Caetano Fidalgo  
 Editor: António Augusto Oliveira  
 Administrador: Manuel Vaz Pinto  
 Redacção: Paço Episcopal  
 Administração: Rua José Estêvão, 50  
 Composição e impressão:  
 Gráfica Aveirense, L.da — Aveiro

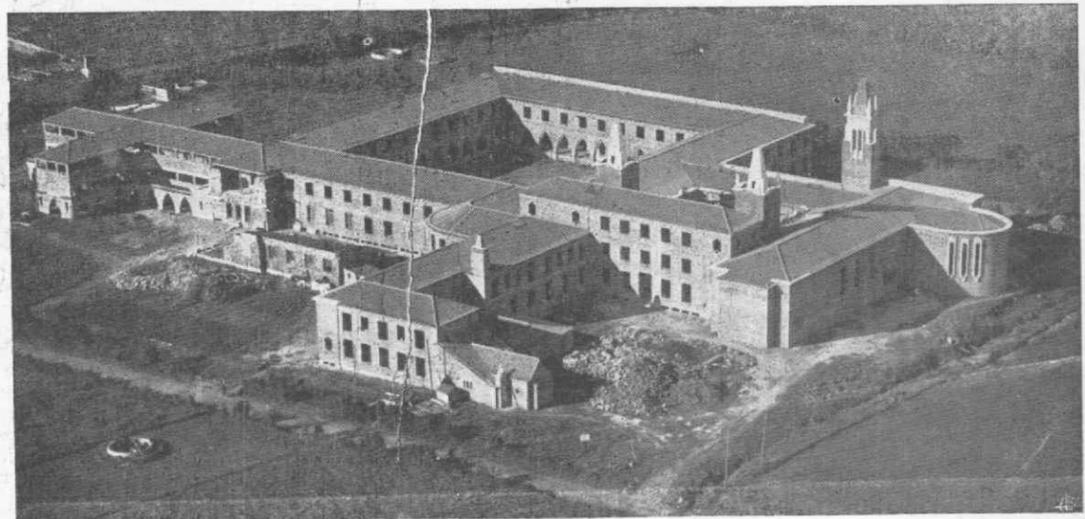
## Guião

- 1.ª Pág. — Arcebispo-Bispo de Aveiro — Autógrafo. Presidente da Câmara Municipal — Autógrafo.
- 2.ª Pág. — Arcebispo de Braga — Saudação jubilosa. Arcebispo de Mitilene — Luz que sempre brilha.
- 3.ª Pág. — Prof. Doutor Fernando Magano — Um nome e uma mensagem.
- 4.ª Pág. — Domingos Guimarães — Como um enorme nenúfar branco. José de Almada Negreiros — Mãos rôtas de luz!
- 5.ª Pág. — Dr. Alberto Souto — O Milagre do Museu Regional de Aveiro e a história e o culto da Princesa-Infanta-Santa.
- 7.ª Pág. — Mons. Raúl Mira — A Morte de Santa Joana.
- 8.ª Pág. — Dr. José Christo, Dr. João Fernandes e Virgílio Veiga — Aveiro nos Desportos: Ontem, Hoje e Amanhã.
- 12.ª Pág. — Dr. Vaz Craveiro — Poema.
- 13.ª Pág. — Padre Mário Sardo — Glória que não morre (Poema).
- 14.ª Pág. — Eduardo Cerqueira — Santa Joana e a Revolução da Maria da Fonte em Aveiro.
- 17.ª Pág. — Dr. David Cristo — Devoção e Ritmo.
- 18.ª Pág. — Luís Carlos (Dr. Luís Regala) — Prôa de Barco (Poema).
- 20.ª Pág. — Dr.ª Albertina Oliveiros — «A excelente Infante e singular Princesa».
- 21.ª Pág. — Raúl Brandão — A luz aqui estremece antes de pouso... Luís de Magalhães — A Ria de Aveiro.
- 23.ª Pág. — Dr. António Christo — Fastos de uma vida sublime.
- 24.ª Pág. — M. Caetano Fidalgo — Iluminar e Subir — os dois verbos da sua vida.

★  
 Esparsos — Aveiro na pena de Oliveira Martins, António Arroio, Virgílio Correia e D. João Evangelista de Lima Vidal. Notas biográficas de Santa Joana por Dr. António Christo, Eduardo Cerqueira e M. Caetano Fidalgo.

★  
 As transcrições feitas neste número foram extraídas, pela sua ordem, de: «Campeão das Províncias», de 4-V-912; «Panorama», Ano 1, N.º 1; «Programa Ilustrado», 1944; «Os Pescadores»; e «A Arte e a Natureza em Portugal», vol. II.

★  
 SEMINÁRIO DE SANTA JOANA



Escultura de JOÃO CALIXTO

## O Homem...

### Saudação jubilosa

**N**ENHUM recanto desta Província Bracarense ignora as soleníssimas festas que a donairoza Princesa do Vouga prepara em honra da gloriosa Padroeira.

Muito menos poderia ignorá-lo o coração desta vetusta arquidocese, a metropolitana cidade de Braga, que segue com desvanecimento os progressos constantes da sua dilecta filha aveirense.

Desde que a mão dadivosa de um dos seus mais ilustres e ilustrados filhos, por mercê da Santa Sê Apostólica, lhe restituiu antigas prerrogativas e reconduziu aos seus tradicionais caminhos, ei-la que se levanta, dia a dia, cada vez mais garbosa, ora restaurando em toda a histórica louçania o culto da sua nobre Padroeira, ora reacendendo e espevitando a luz da ciência e reforçando o calor da virtude no novo cenáculo do seu Seminário, que preencha e supere com notável vantagem o extinto fanal do seu Convento, ora derramando por todo o território diocesano a vida cristã, pujante e vigorosa, que irradia do coração ardente do seu inclito Pastor e dos seus prestimosos colaboradores.

A cidade metropolitana, esta cidade mãe, exulta de contente, sauda com enternecimento e abraça com ternura a filha idolatrada, neste dia solene da sua brilhante história, em que ela se apresenta engalanada com os melhores e mais ricos atavios reais, fitando confiadamente o futuro e revelando-se ufana no presente e no passado, e faz os mais sinceros votos por que, sob a égide do seu providencial e amantíssimo Pastor e insigne Prelado, seja em breve concluído o padrão máximo da sua fé — o Seminário — que, ao lado da Catedral, será, por sua vez, a garantia segura de maior glória em todos os tempos.

Braga, Maio de 1952.

† António, Arcebispo Primaz

**D**AS muitas glórias de Aveiro, uma das mais puras e mais altas é possuir dentro de seus muros o corpo venerando da «Princesa Santa Joana», filha do «rei cristianíssimo e cumpridor de todas as virtudes, Senhor Dom Afonso quinto» e «de sua mulher a Rainha Dona Isabel, outrossim mui ornada de excelência de virtudes e nobreza de bons costumes», a qual nasceu em Lisboa, no ano da graça de mil quatrocentos e cinquenta e dous, movida de espírito divino entrou no Mosteiro de Jesus, «aos quatro dias do mês de Agosto do ano do Senhor de mil quatrocentos e setenta e dous», e aí faleceu, na doce placidez da santidade, depois de curta vida passada em oração, penitência e caridade, aos «doze dias de Maio do ano do Senhor de mil quatrocentos e noventa».

Com doar-se totalmente a Deus, no Mosteiro de Jesus, em heroica renúncia de ascese, acendeu-se em Aveiro um farol de vida sobrenatural, cujo pleno esplendor só Deus conhece.

Mas, como já se escreveu, nós sabemos também que «a alma humana estende a sua irradiação muito para além da nossa esfera consciente. Onde quer que uma alma boa, pura e submissa à vontade de Deus vive, reza, sofre e morre, aí se ateia um foco de calor divino — e quem pode seguir através do espaço as volutas misteriosas dos eflúvios desta chama?»

Em Aveiro viveu, rezou, sofreu e morreu a Mulher forte e virtuosa que, já antes de ser beatificada pela Igreja, o povo, em sua penetrante intuição, apelidou de «Santa Joana». Fonte de luz em sua vida mortal, continua a ser fonte de luz na lenta evolução dos séculos.

Com razão observou o imortal trágico britânico haver um mundo invisível de problemas, que não sabe resolver a nossa pobre e vã filosofia.

Celebrar o V centenário do seu nascimento é dever de devoção cristã e de reconhecimento piedoso.

Simplesmente esta comemoração terá de ser acto iluminante e purificador que leve cada um a procurar imitar na fragilidade da sua alma as grandes virtudes da «Princesa Santa Joana», e a rezar-lhe com fervor.

E, neste momento em que se inaugura simbólicamente o Seminário que tem o seu nome, nenhum diocesano de Aveiro deixará de pedir-lhe que, junto do Senhor, ela obtenha a graça de numerosas e fortes vocações sacerdotais e de facilidades espirituais e materiais que façam daquele Seminário santuário de almas que, generosamente consagradas a Deus, sejam vidas a florir em vidas de imorredoura beleza sobrenatural.

† Manuel, Arcebispo de Mitilene

*O «Correio do Vouga...» certo de que interpreta o sentimento de todos os aveirenses, sauda, com respeito, os venerandos Prelados que, nesta hora duplamente festiva, se dignam honrar a nossa terra com a sua alta presença.*

## ...e a Obra

EM 1687 publicou o cronista de certos religiosos denominados vulgarmente «Frades Loios» (que, entre parêntese, nem eram canonicamente frades, nem a sua regra era de Santo Eloy...) um pequeno volume intitulado *A Aguia do Empyrlo*. Na própria extensão do título se informa, em seguida, ser o livro um compendioso panegírico onde se descrevem as excelências de S. João Evangelista, o Discípulo Amado.

O autor, Padre Francisco de Santa Maria, que, na data, além de religioso da Congregação e seu Cronista Geral, era lente jubilado na Sagrada Teologia, oferece o seu volume à princesa Isabel, filha de D. Pedro II reinante e ensinamos, na dedicatória, quando tenta demonstrar que o Evangelista S. João foi «entre todos os Santos, o Santo mais amado e venerado de Príncipes», ensina o seguinte que há interesse em recordar neste momento às gentes da diocese de Aveiro:

— «A rainha D. Isabel mulher de El-Rei D. Afonso V, foi tão devota deste grande santo que fez com que a nossa Congregação que antes se chamava S. Salvador, se intitulasse de S. João Evangelista, e que o elegeisse por padroeiro e protector. Também nos deu o Convento de S. João Evangelista de Xabregas, ordenando que aquele Convento fosse cabeça da Congregação, o que tudo confirmou com breves-apostólicos interpretados à sua instância. Porém no que mais mostrou o afectuoso e encarecido da sua devoção, foi em um notavel voto que fez de chamar, em obséquio e honradeste grande apóstolo, a todos os filhos que tivesse com o nome de João. O qual em efeito cumpriu no infante D. João que de tenra idade passou à herança do melhor reino; em El-Rei D. João II, a quem chamaram o Príncipe perfeito. E na Princesa D. Joana, chamada vulgarmente a Princesa Santa, por suas esclarecidas virtudes e heroicas acções. Quem teve tão santa devoção, justo era que tivesse filhos tão Santos, nem podião deixar de ser aqueles filhos que antes de nascerem já estavam dedicados e entregues à protecção do valido de Cristo».

A devoção da mãe da Princesa Santa já se anuncia na escolha do dia seis de Maio para o seu casamento, dia em que a Igreja comemora o martírio de S. João Evangelista diante da porta romana que conduzia ao Lácio. Casamento em 6 de Maio de 1448 aos 19 anos de idade; nascimento da Princesa em 1452; e a Princesa fica orfã de mãe aos três anos.

Convém ainda rememorar que esta Princesa era neta de D. Pedro, o D. Pedro de Alfarrobeira; e é util não esquecer que esta guerra fôra apenas o epilogo de uma gravíssima luta de competições familiares, com graves intrigas à mistura. Luta que enlutou e feriu fundo toda a família e rachou a nação de meio a meio. Dos sobreviventes, a mãe da Princesa foi a mais de todas crudelissimamente ferida. Ao morrer, muito jo-



Relíquias de Santa Joana

«E não ficaram só encerradas nos claustros do Mosteiro as virtudes desta Senhora; passavam fora e chegava o zêlo em que ardia da honra de Deus a procurar com eficacia que não houvesse na vila quem vivesse com escândalo ou em mau estado; e tendo noticia de algum, dava-lhe remédio em seu poder e cuidado».

FREI LUIZ DE SOUZA

## UM NOME E UMA MENSAGEM

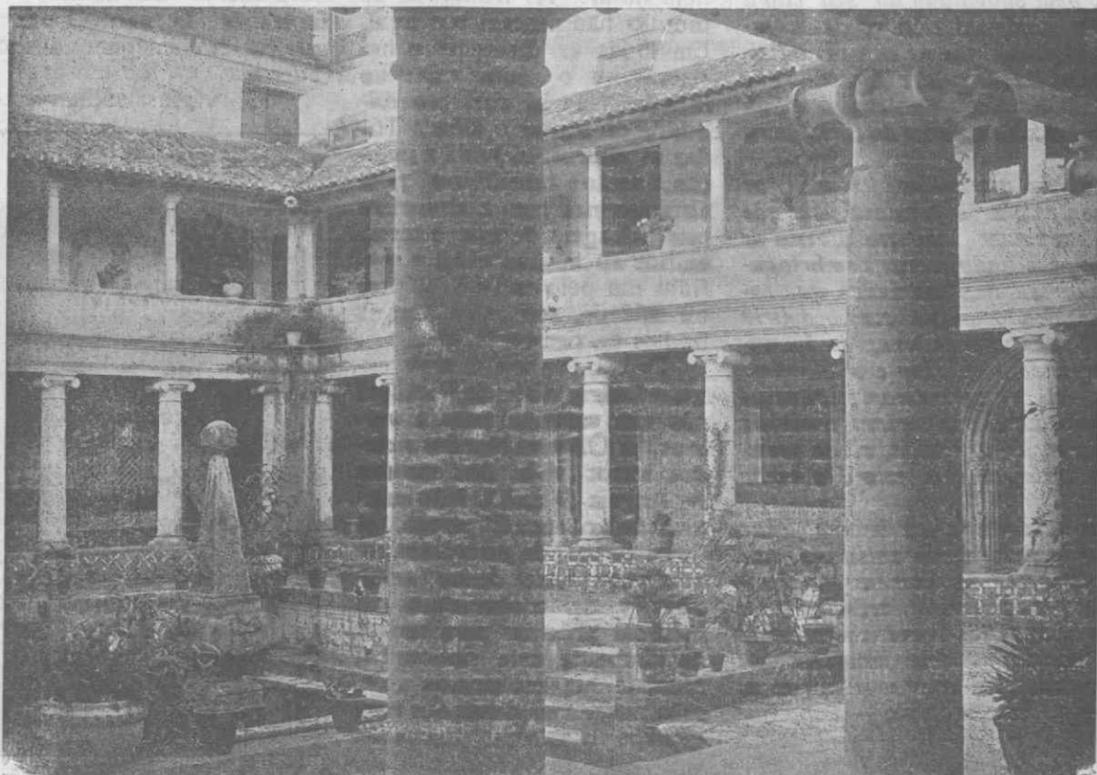
Pelo Prof. Doutor Fernando Magano

vem, pois teria então vinte e seis anos, deixou dois pequeninos orfãos, dos quais a mais velha, a que viria depois recolher-se ao Convento de Jesus, andava pelos três anos.

Senhora de esclarecidas virtudes e he-

roicas acções, disse da Princesa Joana o Cronista, e disse bem. Diremos agora: invocação onomástica, educação cuidada e sempre atenta para os mais altos valores da vida, conhecimento das humanas dores de que

Convento de Jesus—Claustros



nem os príncipes são isentos, memória de uma mãe virtuosa e dolorosamente experimentada, espírito de renúncia e dádiva sacrificante, alheamento total de legítimas aspirações cortesãs, tudo isto, na vida da Princesa, está na linha de uma vocação providencial.

O Evangelista, o dono do seu nome, lhe ensinara a resposta a todas as violências e a mesma perene divisa lá está hoje, granítica e suave, na pedra de armas do Seminário novo em Aveiro: *Amai-vos*.

Há pessoas destinadas a espiar cá na terra, no silêncio e na devoção, todos os sobressaltos e as correrias, todas as precipitações e todos os orgulhos de quantos outros que somos nós todos. A clausura não foi jardim de delícias, nem lugar de aprasimento, nem fuga: a clausura sofreu-a a Princesa, irmanando-se pelos seus que somos nós; fugir, fogem os que desatendem a lei do Senhor; o aprasimento ganha-mo-lo nós, os que andamos permanentemente em Alfarrobeiras inglórias e truculentas. E quão ingratos somos, ou, ao menos, quão desatentos!!

Aveiro é, por Santa Joana, uma terra de S. João Evangelista.

Bem necessita esta magnífica cidade de lhe estudar a mensagem, como agora se diz. Não sei de melhor lição para os aveirenses, nem me acode o motivo de que por tanto tempo a tenhamos esquecido. (Absortos os homens em coisinhas que dividem, preocupados apenas com minudências sem sentido, quantas vezes só atentos a vozes fúteis e demolidoras... deram-se a construir na areia: quantas energias desaproveitadas, que de malquerenças, quantas nobres intenções mal aviadas, que de lutas sem proveito, quantas almas sêcas...).

Todo o aro da laguna, todas as quebradas das serranias, toda a diocese restaurada têm de aprender novamente a verdade primeira que o génio do Evangelista lapidamente fixou: *In principio erat verbum*.

Foi o Discípulo Amado, o primeiro filho da Cruz da Virgem-Mãe, quem no-lo ensinou, é a nossa Princesa quem no-lo recomenda, é o nosso Bispo quem no-lo exemplifica.

Um só nome, uma mesma invocação, uma só mensagem.

O culto externo da Princesa tem de marcar as suas raízes no culto interno que é a lei do Amor: e Amor total só em Jesus Cristo — e por ele nos seus Santos.

Aquele mesmo cronista termina o volume do seguinte jeito:

— Mas para que me canso em intimar a devoção que por si mesma se inculca? Quem quer segurar o despacho do Príncipe, recorre ao valido; chegue-se a João quem quiser sair da presença de Cristo bem despachado.

Em Aveiro o Senhor facilitou ainda o recurso: os que não souberem ler o Evangelista, têm na Santa Princesa o guia seguro. E se tiverem dúvidas quanto ao sítio onde ela demora, batam à porta do Paço Episcopal...



Aveiro — Doca do Cojo

Aquarela de Alberto Souza

## “Como um enorme nenúfar branco...”

Por DOMINGOS GUIMARAES

**A**VEIRO é uma cidadezinha linda, cantante, arejada, que desabrocha como uma fresca flor aquática, como um enorme nenúfar branco, de entre as águas, que por todos os lados a cingem, a atravessam em canais, a banham, a refletem, a espelham, lhe erguem um hino claro, fremente, entusiasmado, apaixonado. É a Flor das Águas, a Flor do Mar — e a água é a alma suprema, activa, da paisagem. Cercam-na vastas campinas verdes, cortadas de canais minúsculos por onde deslizam esbeltos saveiros; salinas que relampejam ao sol como cristais rutilos; moinhos que gesticulam e batem azas sobre o vasto polder, todo ensopado de água; rebanhos de vacas que pastam nos lameiros; águas onde palpitam, em maravilhosos jorros de luz, todos os reflexos, todas as imagens, ora ondeantes como sombras, ora flamejantes como brasas, e, segundo a hora e a altura do sol, umas vezes côr de turquesa, outras côr de safira, outras côr de nacar, outras côr de coral — e tudo isto dando-lhe um aspêto de levêsa, de frescura, de graça, de intimidade repousante e doce.

Douro, pelo aberrativo artifício de uma estúpida divisão administrativa, á francesa, não tem Aveiro nada dessa provincia ardente, nervosa, seca; antes, pela suavidade do seu clima humido, vaporoso, macio, é o atrio luminoso e largo dessa escadaria sumptuosa de montanhas gigantes que se chama a Beira-Alta, e que vai das colinas roseas de Angeja e Agueda, que servem de plinto aos montes das Talhadas, Montemuro e Sub Ripas, até às cristas do Caramulo, ultimo esforço da terra para chegar ao ceu.

Terra de encanto! Paisagem de maravilha! Nunca os olhos extasiados se fartam de contemplar o formoso paiz que cinge a cidadezinha clara. Para qualquer lado que a vista se alongue, sempre o panorama é largo e lindo, sempre embriagador e estranho o cenário! Os charcos das marinhas que rodeam Aveiro oferecem o mais complicado mapa que o delirio dos geógrafos poderia conceber. Todas as combinações imagináveis de meandros de água, correndo sem tino e sem ordem por entre tamargueiras e juncaes, ali se patenteiam; todas as formas geométricas de ilhas e peninsulas, que seriam possíveis se estivesse em projêto uma nova criação do mundo, ali se veem, e não ha quem possa eximir-se a observar com pueril atenção tão graciosa cosmogonia.

Entre estes coprichosos jogos de água, a luz brinca, e luz e água, são os dois motivos principais desta paisagem, que tem em si um poder capaz de transformar os homens mais positivos e sêcos em poetas — poetas volutuozos e ardentes se a luz chameja e fulgura osculando em beijos frenéticos o corpo moreno da Terra; ou poetas de melancolia, de saudade e de sonho quando, sob aqueles ceus velados, as arvores e as cousas se envolvem numa bruma de prata, leve e fluida — como que numa espiritualisação!

## “Mãos rôtas de luz!”

Por José de ALMADA NEGREIROS

**F**VE... ave... Lá está! Lá está a ave ao centro das armas de Aveiro: Uma ave sôbre céu verdeiro.

Fizeram bem em circundar a ave com o céu e os astros. Nada da terra e nada do mar. O ar e a luz, apenas. É de heráldica feliz. A linda e luminosa região de Aveiro, rica de terra e de mar, não pôde deixar de prestar, no seu próprio escudo, a sua melhor homenagem ao ar e à luz. É prova de gratidão perene. Achamos certo e justo. Os chales das mulheres têm mais de ave do que parecêças com qualquer coisa da terra ou do mar. Mais do que nada, foram, sem dúvida, o ar e a luz que fixaram Aveiro aqui neste largo de terra, mesmo ladinho ao mar. O ar parece mesmo daqui de Aveiro, e a luz, essa, entornou-se aqui por cima, fora de todas as regras de iluminação, esbanjadoramente, milagre do disparate de aprendiz que não estivesse prático em manejar as torneiras da luz. Autêntico milagre do sol não ter espirito de economia. Precisamente: mãos rôtas de luz!

Aveiro não tem fronteiras

será dizer que este mapa não se encontra à venda, coincide com o oficial, mas é pessoal e intransmissível. E isto é tão verdade que estamos aqui no pedaço de Portugal onde há mais bicicletas. Mais bicicletas, sinónimo de plano, de raso. Por conseguinte, lealmente vos digo que o único sítio donde podereis ver com exactidão toda a maravilha destas paragens de Aveiro está convosco mesmos, deixando subir livremente o sangue à imaginação. De nenhuma outra forma diferente desta podereis, condignamente, corresponder à natureza.



Algumas das célebres águas de Turner podiam ter por título Aveiro. Turner, sôbre um centímetro de terra na tela punha-lhe quilómetros cúbicos de ar e nuvens iluminadas com aquela extravagância que a imaginação não supera. Como as côres mal lhe cabiam no fiosinho de terra, vá de estendê-las pelo ar e pelas nuvens com uma prodigalidade para muitos irreconhecível. Pois vinde a Aveiro: as côres que o ar e as nuvens usam



Na faina do sal

Fot. de Gervásio Aleluia

nem no mar, nem em terra nem no ar. As fronteiras do mundo não passam por aqui. Em tôdas as direcções o horizonte ou o zênite estão no infinito. Não há aqui possibilidade de obstar o além. Tôdas as alturas, incluída a aviação, serão infrutíferas para abrangermos com a atmosfera esta paisagem de mar e terra, ambos ao mesmo nível e metidos um pelo outro, com promiscuidade, sem os naturais limites de personalidade.

De modo que a mais extraordinária vista de Portugal não tem varanda para a vermos. Já Oliveira Martins mandou irmos vê-la dos montes de Angeja (9 quil.). Não estamos de acôrdo. É pouco. A única forma de podermos ter uma vaga ideia destas vastidões e de conhecermos as medidas próprias para sonhar devidamente este panorama, consiste em cruzarmos a região nas várias direcções com o mapa na cabeça. Escusado

aqui são uma homenagem permanente da natureza ao fantasista Turner. O pior é que a homenagem desbota Turner.

Há vários milhares de

Poente na Ria

Fot. de Gervásio Aleluia



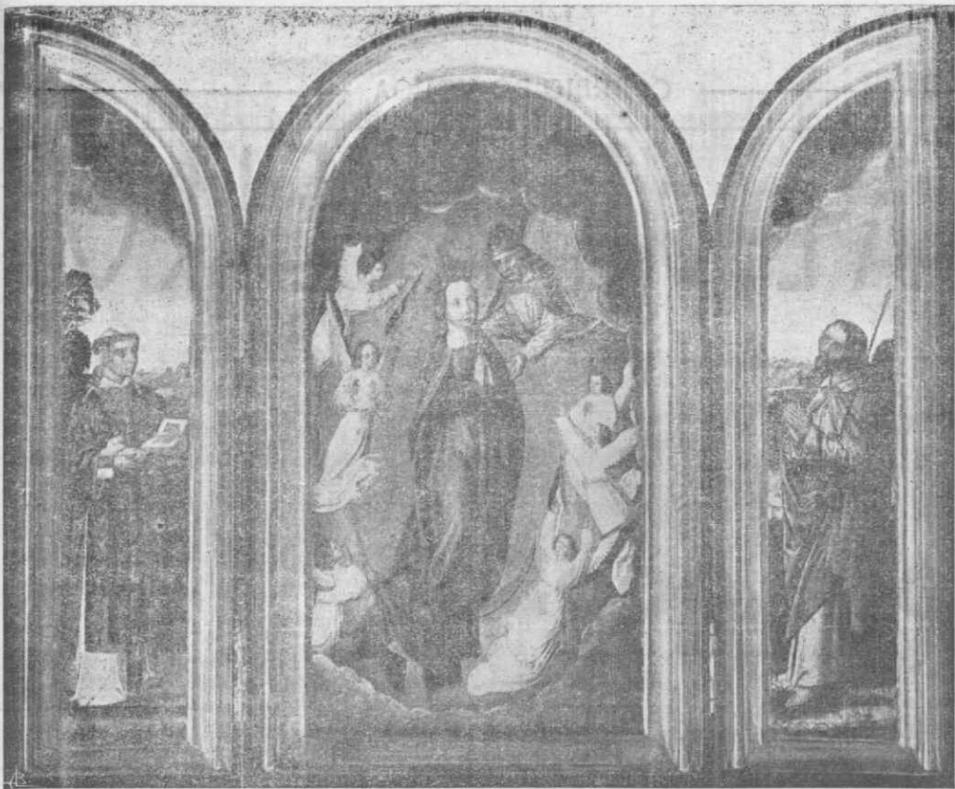
anos caíram aqui as célebres janelas do palácio do Céu. Ficaram intactas as vidraças nos respectivos caixilhos porque as janelas caíram sobre a relva verdinha. Hoje são as salinas.

Não é impunemente que o rio, aqui em Aveiro, muda de sexo e toma o feminino *ria*. Em Aveiro reina o feminino. O homem anda pró mar e noutros giros de homem e a casa é ao gôsto dela. E se bem que o gôsto dela seja para gôsto dele, o cuidado é dela. Essa vocação de esperar e de guardar o sítio que têm as mulheres faz o perfil das gerações e das regiões. E aqui é tão evidente que a fisionomia de Aveiro é francamente feminina. Mas ao dizer *mulher* não completariamos o sentido se não lhe juntássemos *povo*. Não é questão de juntar palavras e pôr *mulher do povo*, não, é outra coisa:

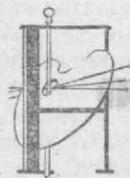
Em toda a parte acontece haver uma uniformização de tipos, a-pesar-das razas diferentes que lá se cruzaram; e se há, de facto, um tipo ao qual possamos chamar português, não é tanto com as feições que devemos contar, como com determinada expressão comum que nelas se inclua. Mais surpreendente que noutra parte, Aveiro dá-nos o tipo inconfundível da portuguesa. Ainda que qualificada pela região, lá está aquela determinada expressão comum a uniformizar os vários caracteres fisionómicos. Seja por que fôr, esta gente pronuncia bem o português, e sem denúncia da região, como acontece em tôdas as outras. Paramos a cada passo, não para escutar conversas mas para ouvir as vozes a falar. Para ouvir e para ver. Aquela expressão comum a nós todos lá está, com todo o seu invencível. A uniformização fez-se. E é a tôda a amplitude desta uniformização que podemos devidamente chamar *povo*.

As mulheres de Aveiro,

(Continua na pág. 22)



Museu Regional de Aveiro — TRIPTICO DA ESCOLA NEERLANDESA — Coleção dos Primitivos



MIGO saudoso e ilustre nome da história e da crítica da arte do Norte do País, o malogrado Dr. Pedro Vitorino foi quem, falando do Museu de Aveiro na revista *Terra Portuguesa*, considerou um milagre de Santa Joana o não desaparecimento do convento de Jesus em 1834 e o condigno destino que lhe foi dado em 1911.

Nas duas grandes crises das congregações religiosas, derivadas das lutas políticas dos séculos XIX e XX, a cidade, pelas suas figuras representativas, velou, inalteravelmente, pela conservação do núcleo conventual sucessor do cenóbio fundado por D. Brites Leitão em 1458, e onde o túmulo, as relíquias e a recordação da Princesa-Infanta-Santa constituíam um precioso esboço da história e das tradições locais.

Es como tanto em 1834 como em 1911 os Governos atenderam as solicitações dos aveirenses em prol da preservação do magnífico e venerando espólio do mosteiro de Jesus e da criação de instituições condignas e capazes de zelar a sua conservação — (congregação das Terceiras de São Domingos e Real Colégio de Santa Joana, Real Irmandade de Santa Joana Princesa e Museu Regional de Aveiro) — bem pode considerar-se milagroso o facto que, afinal, só honra e dignifica Aveiro e o País e nos enche a todos de consolação devota ou de satisfação pelo bom senso havido e pelo dever cumprido.

De 1911 até hoje, este estabelecimento que se chama Museu Regional de Aveiro, tem sabido corresponder, regularmente, à finalidade que inspirou a sua criação, e se tem enfrentado dificuldades e lutado com deficiências, nunca deixou diminuir o património histórico, artístico, etnográfico e religioso que lhe foi confiado, antes, pelo contrário, tem promovido e conseguido a sua valorização e o seu acrescento.

As espécies que o constituem eram, na sua maior parte, totalmente desconhecidas do público e nele e por ele entraram no domínio da admiração geral, aumentando o respeito pelas relíquias e símbolos do passado e abrindo novos horizontes à mentalidade popular e dando aos visitantes cultos uma ideia da elevação da nossa geral e comum mentalidade.

Por isso o eminente Dr. José de Figueiredo pôde escrever em 1916 que *«logo que visitou o Convento de Jesus, apoz o início da sua transformação em museu, quis amorosamente a este núcleo de arte que é bem o que cabia a uma terra como Aveiro, pequenina Bruges, onde, na magia incomparável das suas tradições e paisagem, tudo vive, presente e longinquamente, como o mar, brumoso ou dourado, que a banha na orla afastada das suas praias e a recorta e abraça no mais intenso e vivo das suas terras»*.

E o já citado Dr. Pedro Vitorino, sob a mesma impressão do falecido director do Museu Nacional de Arte Antiga e Presidente da Academia de Belas Artes, impressão reiterada em várias visitas que nos fez, disse, lapidarmente, que *«o Museu de Aveiro é daqueles que nos transmitem a sublimidade do passado»* e isto não só porque se *«desconhece aí a rigidez das coisas mortas que perderam a essência com o destino, e nada já podem dizer»*, mas porque *«a figura da excelsa Princesa paira ainda nesses muros azulejados e esculpidos, entre os quais a sua existência de abnegada humildade decorreu e onde a sua alma candida se evoluiu»* e onde *«não faltam sugestões intensas, ambiente próprio, cenários evocadores»*.

Por seu turno, o Dr. Joaquim de Vasconcelos, mestre de todos nós, referindo-se ao Museu de Aveiro na célebre e benemérita *Arte Religiosa em Portugal* afirmou:

*«Sem esta instituição que data do meado de 1911, não teriam os visitantes desta interessante cidade ocasião de apreciar uma série de trabalhos artísticos nacionais dignos de admiração e demorado estudo»*.

Ora a história e o culto da Princesa-Infanta-Santa têm sido para o Museu e na mesma casa onde ela viveu e morreu, um cuidado primordial, objecto de especial e carinhoso zelo, permanentemente interesse e desvelada atenção e, ao afirmá-lo, não procuro enaltecer atitudes ou serviços próprios,

mas significar, em proveito do brio colectivo, que uma ideia de cultura histórica e artística, de compreensão política e religiosa e de geral veneração pela memória da excelsa figura da Princesa-Infanta Santa, padroeira religiosa da cidade e inesquecível no edifício de Jesus, tem sido seguida como princípio e norma naquele estabelecimento do Estado, mesmo quando laicista e separado da Igreja, e porque quem o dirigiu e tem dirigido e por todos os que têm colaborado com o Museu no material e no espiritual. Haja vista a publicação do Códice da Fundação do Convento e Memorial da Vida da Infanta e tantos outros estudos, artigos, referências sobre o precioso recheio ligado à história de Santa Joana e do secular Mosteiro medieval que nós conhecemos exteriormente com frontaria setecentista.

A constatação deste facto, na hora solene das comemorações do centenário do nascimento da Princesa, é um motivo de satisfação e de orgulho para a cidade de Aveiro que, sendo na idade média uma vila muito humilde, era chamada pela delicada filha no nosso último Rei Cavaleiro, a *«sua Lisboa a pequena»*, isto é, a capital do mundo de virtude e devoção a que ela se entregara, fugindo aos esplendores da corte e às seduções e grandezas da E'poca.

Aveiro dos séculos XIX e XX mostrou-se digna da herança que lhe deixou a gloriosa centúria de quinhentos e, através das suas lutas e paixões, nunca deixou apagar a lâmpada daquela memória que hoje splende e celebramos.

No *«Felxe de motivos porque na parte nobre do convento de Jesus d'Aveiro se deve instalar um museu distrital ou municipal»*, — *«sumaria exposição dirigida a S. Ex.ª o Dr. Afonso Costa, insigne Ministro da Justiça»* — em 1911 — o Dr. Joaquim de Melo Freitas, relevante vulto da intelectualidade aveirense desse tempo, que já assinalou na imprensa o centenário da morte da Santa Infanta e a quem se deve a mais decidida propugnação pela criação do actual Museu Regional, punha em destaque o valor histórico do convento a que estava indissolúvelmente ligada a tradição da família de D. Afonso V e de sua inclita filha, e enumerava, entre o que *«de portas a dentro havia de encanto e atractivo e que devia coleccionar-se, seleccionar-se e expor-se: o retrato da Princesa, o painel de cobre com a sua figuração de religiosa, a capela da Santa com as suas pinturas anacrónicas que todavia ensinam trajes, costumes e indumentária do século XVIII, paramentos da igreja que são notabilíssimos, as imagens de Santa Joana e de São Domingos com os trajes da Ordem, recamados de ouro, dignas de especial atenção; o cofre de cristal e prata, onde se guardam o rosário e o hábito da Princesa e a âmbula de cristal que encerra os seus louros cabelos, duas relíquias de preciosa estima»*.

E mais: o crucifixo quinhentista da cela da Princesa, objecto que todos os entendidos apreciam, um grupo figurando a morte da Santa que foi do primeiro bispo de Aveiro pelo que tem o seu braço, além do túmulo que é, na verdade, uma peça sumptuosa e bela, e a igreja em cujos alicerces D. Afonso V lançou com a primeira pedra uma dobra de ouro em 15 de Janeiro de 1462, além do restante edifício, já monumento nacional, e seu conteúdo, pois não pas-

saram de balde quatro séculos e meio sem deixarem neste mosteiro aristocrático vestígio opulento de anos acidentados.

E afirmava:

*«Este núcleo constitue uma grande lição que urge não desbaratar nem malbaratar sobretudo numa terra que presenciou impassível a derrocada dos palácios do Duque de Aveiro, dos Arronches, dos Tavares e de tantos outros fidalgos e linhagem, sem que compensasse a perda com a edificação de obras recomendáveis pelas linhas arquitectónicas ou pela riqueza de construção»*.

Esclarecendo-se que o Dr. Joaquim de Melo Freitas era, ao tempo, um alto expoente da opinião republicana e democrática que acabava de derrubar a monarquia, que os republicanos locais, entre os quais eu me contava, lhe derem todo o apoio e aplauso, que foi a própria Câmara Municipal pela sua vereação republicana quem iniciou a obra do Museu no próprio convento, que na comissão directiva instituída por decreto, logo colaboraram republicanos e monárquicos como Melo Freitas e Jaime de Magalhães Lima, que a organização do Museu foi entre ao insuspeito, erudito e religioso Marques Gomes; que os deputados eleitos pelo círculo para a constituinte sempre se manifestaram pela valoriza-

(Continua na página 22)

## O MILAGRE DO MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — E A HISTÓRIA E O CULTO DA — PRINCESA- INFANTA- SANTA

Pelo DR. ALBERTO SOUTO

Museu Regional de Aveiro — S. JOÃO EVANGELISTA — Coleção dos Primitivos



# BANCO REGIONAL DE AVEIRO

S. A. R. L.

**Capital - 10.000.000\$00**

**Rua Coimbra - Praça Luiz Cipriano**

**AVEIRO**

Telegramas : REGIONAL — Telefone 31

**Transferências e Cobranças - Saques  
sobre o País - Contas correntes em  
Moeda Portuguesa**

**Depósitos à Ordem e a Prazo**

**Empréstimo sobre penhores de Ouro, Prata e Joias**

# A MORTE DE SANTA JOANA

Por Mons. RAÚL MIRA

**C**ONTA-SE que Suarez, o exímio Doutor, quando agonizava em Lisboa, após uma vida ilustre e alta, talvez sem o querer, mostrou todo o belo fundo da sua alma: «eu não sabia que era tão doce o morrer»!

A Filha de Afonso V, a Princesa Santa Joana, desabituada já dos grandes luxos da corte, e da liberdade excessiva de adolescente, afinal só veio a encontrar, na pobreza do Convento de Aveiro, em como era doce o viver e o morrer.

E morreu nova. Apenas com trinta e oito anos.

E pode dizer-se que os dezoito anos passados, recolhida e penitente, na vila de Aveiro, foram de penitente martírio.

E' emocionante a descrição que Margarida Pinheiro nos pinta dos últimos dias na Terra, no belo Memorial da Santa. Tem minudência e cor.

Santa Joana sente que a vida se vai a passar rapidamente. E a longa agonia de seis longos dias começa a seis de Maio de 1490. Recebe, então, o Sagrado Viático. E pede, com muita insistência, à Madre Priora, a Santa Unção.

Momento de fazer estremecer. Os sinos do Convento de Jesus começam a anunciar que, em breve, dentro daquelas pobres paredes, uma princesa de Portugal irá partir para a viagem que, na vida, é a última e a mais importante. A comunidade reúne-se na cela, em volta do leito. E o povo da vila aproxima-se e enche a igreja, chorando e rezando.

Somente a Santa, respirando serenidade, na palavra da Cronista, «com grande prazer e alegria, levantava as mãos de louvor a Deus».

E, em verdade, para quê o temor? Cristo é o Pai. E é Ele que balbucia sempre aos ouvidos de todos, mesmo dos filhos rebeldes, as palavras de perdão:

Eu sou a tua Salvação: não temas!

Que tuas iniquidades te não atemorizem: Eu sou o Advogado dos culpados.

Não temas as trevas: Eu sou a Luz!

Não temas a morte: Eu sou a Vida!

Não temas a condenação: Eu sou o Redemptor!

Louis de Blois, no seu livro *Consolation des âmes craintives*, expressou o sentido do Pai.

E a Santa exultava em sua alma.

As dores foram aumentando. O corpo, emagrecido pela moléstia e pela penitência, parecia desfazer-se. O sono não a conhecia já de há muito: «não mais que o espaço dum Pater», — nos conta a Cronista. Mas a alma, de todo submersa em Deus, parecia tornar-se sempre mais lúcida, sábia e pacífica.

Embora em martírio enorme: «a Santa Senhora, de grande prazer e alegria, não dava gemido algum». A's Irmãs que iam chegando dirigia sempre uma palavra ou de consolação amiga ou de orientação perfeita. Cheia de energia de espírito, mostrava possuir a saúde dos belos tempos da infância. E até o rosto; na confidência de Margarida Pinheiro, se tornou resplandecente, «da cor do belilo e vidro cristal».

Aproximam-se, então, os últimos momentos. Pede à Superiora que a enterrem na entrada do coro de baixo, vestida do santo hábito. Adivinha-se, de quando em quando, qual quer perturbação incipiente de consciência. Ela opõe, enérgicamente, com grande confiança, a linda oração: «Eu Te peço, Senhor, ponhas a Tua Paixão e Morte entre Teu juízo e minha alma». E dirigindo-se à Virgem Mãe: «Mea Mater Gratiae: Mãe de Graça, Minha Mãe»!

Despontou o dia doze de Maio. Era no coração da primavera. O jardim do convento, que a Santa amou e alindou com carinho, saudoso recanto querido e de paz, mostrava pujança de flores e aroma.

A vida de Santa Joana extinguiu-se, pouco a pouco. O Capelão e as Irmãs, que rodeavam o leito, entoam a Ladaíña de Todos os Santos. E ao *omnes sancti innocentes*, todos repararam: em êxtase de serenidade e graça, a alma de Joana, a bela filha de Afonso V, voou para Deus.

No campanário da capela, a sineta deu o alarme. E, como em eco comovido, de todas as torres da vila de Aveiro se repetiu a notícia. Foi o nascimento para o Céu. E da alma do nosso povo jamais se pôde sumir, durante séculos, a lembrança daquele dia de Maio de 1490.

Conta a Cronista, com grande acento de verdade, que durante o cortejo fúnebre de Santa Joana através do jardim do convento, que ela amou e cultivou, as árvores, para mostrar «que se doiam e tomavam dó», deixaram cair as suas folhas, como em plena tarde de outono.

## Foi de azul - cor do céu - o luto por Santa Joana

**D**ESDE todos os tempos e em todos os povos foi sempre de uso dar expressão material aos sentimentos de dor causados pela morte das pessoas queridas por quaisquer exteriorizações, especialmente em indumentária, e adoptar uma cor convencional para a indicação do período em que se guarda o nojo. A tendência simplificadora, cada dia mais acentuada, não conseguiu até aos nossos dias abolir o costume de nos vestirmos de preto quando perdemos algum ente próximo pelos laços de sangue ou nos associamos à dor de alguma pessoa da nossa afeição, ou pelo menos o uso do «fumo» e da gravata negra, a assinalar simbolicamente o estado de mágoa ou condolência.

Os trajes evoluíram em muitos aspectos no decorrer da história e nada admira,

cidas e a palidês dos mortos, também teve quem o preferisse para essas circunstâncias.

Cada uma das cores citadas é susceptível, aliás, de lograr justificação do seu simbolismo. Não recorda o branco a pureza do espírito que alcance a eternidade? Não lembra o cinzento o barro de onde vimos e onde volveremos? Não imaginamos no negro as trevas do sepulcro, a longa noite impenetrável de onde se viu regressa às luzes do mundo?

Vêm estas breves recordações a propósito do acontecimento que agora vimos celebrando em Aveiro e que todos nos empenhamos em realçar para honra da egrégia padroeira da nossa terra.

Na generalidade dos aspectos as demonstrações fúnebres consequentes ao trespassse da venerada Princesa

de alta linhagem, e os próprios mercadores e artífices, tais, como o carpinteiro, a quem foi confiado o encargo de encerrar o ataúde. E então, como era hábito e obrigação, e neste caso especial verdadeira devoção do pessoal sentimento pela perda de tão valiosa protectora, todos terão posto as suas vestes brancas de almáfega ou burel indicativas, tradicionalmente, do luto. Porventura as deligentes e sofredoras mulheres dos pescadores e marreantes, em cujos motivos de nojo as traições do oceano amiudavam, mais uma vez ocultariam os rostos nesses estranhos e lúgubres capuzes conhecidos pelo nome de «vasos», tão desgraçados que se apodavam de «carantohnas».

Uma diferença, porém, há a apontar no luto pela morte de Santa Joana e essa verdadeiramente singular no nosso país. D. João II encontrava-se em Evora com a corte, quando recebeu a notícia do falecimento da irmã, que, apesar de muito a haver contrariado, muito estimava. Procedia-se então aos preparatórios para as faustosas cerimónias do casamento do príncipe e os paços, segundo testemunha o cronista Garcia de Rezende, encontravam-se já sumptuosamente adornados, com vistosas armações de ricos panos. O Príncipe Perfeito, profundamente impressionado com a inesperada notícia, pois lhe haviam ocultado o estado de sua irmã a quem «queria muito grande bem». E então «fez logo muito solemne saímento com muita despeza e muita perfeição, no mosteiro de S. Francisco da dita cidade». O rei, a rainha e o príncipe tomaram «grande dó», certamente vestindo trajes pretos que a eles apenas estariam reservados pela pragmática da época, e com eles toda a corte. E «os paços foram todos desarmados de panos ricos e armados de panos azuis». Este é que é o facto, se não inédito em terras portuguesas, pelo menos com carácter de raríssima excepção. Que pretenderia significar D. João II com a troca dos panos ostentosos com que estavam revestidos, pelos singelos panos azuis?

O azul é a côr amena do céu, para onde o justo Deus chamaria a alma imaculada da virtuosa Princesa, morta em cheiro de santidade. Esse simbolismo teria influido porventura na disposição do soberano que tão bem conhecera quanto a Princesa sua irmã se obstinara em conservar-se «no mosteiro de Jesu d'Aveiro, onde estava solteira sem casar» — como diz aquele cronista — por amor do céu.



Morte de Santa Joana — Museu de Aveiro

assim, que se modificassem ou banissem alguns daqueles que patenteavam a dor pelos mortos. Menos natural parecerá, porventura, que o uso da cor negra, para esses efeitos, não seja permanente nem universal. Sabemos, por exemplo, que os egípcios usavam o preto, sim, mas também o cinzento; os hebreus o pardo, embora empregassem também o negro, algumas vezes; e os romanos do Império o branco, que outros povos igualmente adoptaram. Entre os chineses às vestes brancas e às cinzentas foi atribuído idêntico significado lutuoso; os turcos evidenciavam o seu pesar com trajes roxos ou azuis; e o próprio amarelo, porque, segundo os actuais modos de interpretar as cores, exprimisse desespero, ou lembrasse as folhas emurche-

Santa Joana não divergiram essencialmente dos usos e das regras da época. Salvo na dor mais funda e mas sentida, as manifestações de mágoa foram as costumadas e devidas à excelsa irmã do soberano, princesa jurada em tempos de seu pai e que deixara um nome aureolado por insignes e piedosas virtudes. Dobraram, logo que a triste nova correu, os sinos da vila, nas igrejas e mosteiros, e as exteriorizações de pesar, as lamentações e choros, dentro e fora de muros, excederam, decerto, largamente, as exuberâncias peculiares a esses momentos por essas eras, mas não tomaram aspectos diferentes. Cobriram-se com «capelos de dó» os prelados que tomaram parte nos actos fúnebres, outro tanto praticariam os cavaleiros e senhores

Maio de 1952

E. C.

# A VEIRO NOS



SE calha evocar o passado desportivo de Aveiro, logo um nome se fixa na memória e aflora espontaneamente aos lábios — MARIO DUARTE. Precursor animoso, mestre de comprovados méritos, praticante entusiasta, dirigente de ponderado e sábio conselho, vontade férrea e coração sempre disposto a todas as bondades, familiar da nobreza e querido dos humildes, íntimo do Senhor Rei D. Carlos, e parceiro do pescador e do marnoto — MARIO DUARTE conquistou o seu mais grato e mais clamoroso triunfo ao ser justamente eleito, nos recuados tempos de 1900, «o desportista mais completo de Portugal».

Porque Desporto não é apenas destreza ou agilidade, resistência e vigor físico. O desportista completo tem de aliar à força e saúde do corpo, um acervo de virtudes morais: — compreensão e respeito para com o adversário, lealdade, espírito de renúncia e de sacrifício, generosidade e franqueza.

O meio não podia esquivar-se à fascinante influência do homem que irradiava simpatia e do atleta que causava admiração: — era honra ser amigo do homem que não conhecia inimigos e orgulho competir, embora perdendo, com o atleta que não tinha arrogâncias.

Bem se compreende agora como MARIO DUARTE, com o seu exemplo e a sua acção, revolucionou os rotineiros hábitos locais, fazendo nascer aqui e aqui estimulando o gosto pela prática das mais variadas modalidades: — ginástica, remo, natação, ciclismo, futebol, tiro, esgrima, ténis, pesos e alteres, golfe, equitação...

E Aveiro foi, então, o segundo centro desportivo do País.

A semente, lançada em boa terra, tinha que frutificar.

A' geração de MARIO DUARTE, sucedeu, muito naturalmente, a geração dos filhos: — o Carlos Júlio — infelizmente desaparecido em plena mocidade —, o «Máriozinho» e o «Xiquinho Duarte» — diminutivos que ficaram, por ironia da sua compleição atlética, só para significar o carinhoso afecto que todos, sem distinção, merecidamente lhes tributam.

Discípulos e dignos continuadores da obra de seu Pai, todos se evidenciaram também como praticantes.

Francisco Duarte, no atletismo, chegou por duas vezes à internacionalização.

Anda cheio de imperecíveis recordações o passado desportivo da nossa terra.

Fundada a Associação de Futebol de Aveiro — ainda por impulso de MARIO DUARTE — aí tivemos o Clube dos Galitos, o grupo do Liceu, o Recreio, o Beira-Mar, o Estrela, o Atlético — no Rossio, no Côjo, no Campo de S. Domingos...

O Tenente Natividade, o Patarrana, os Melões, o Pompeu Figueiredo, os Picados, o João Moreira, o Firmino, o Padim, o Elias Gamelas, o Dr. Pedro Ferreira, o Juvenal, o Joaquim Amaro e o João Balãosinho, o Zé Tantan, o Adriano, o Mau, o Roque e o Alvaro — e tantos e tantos outros — «porteiros», «beques», «afes» ou «carregadores» — enchiam o campo com a sua alegria, a sua vivacidade, o seu entusiasmo.

Não se conheciam sistemas técnicos ou táticos, formações aos pares ou em WM. Mas havia habilidade, intuição, garra, espírito de sacrifício, amor ao seu clube — sentia-se a camisola.

E quando o desafio era mais importante, decisivo, reforçavam-se as linhas com elementos de fora, ases em malabarismo e fintas.

A um e um, foram desaparecendo os clubes ou morrendo neles o futebol. Persistiram, teimosamente, o «Galitos» e o «Beira-Mar» — para prolongar, por alguns anos mais, uma velha e inofensiva rivalidade. Se os ânimos se azedavam, transpondo as fronteiras do «Campo do Lê», tudo se acabava, depois de dar largas à língua nas Pontes e nos Arcos, atogando-se as iras e festejando-se os júbilos nas águas claras do «Palhuça», da «Marquinhas do Pedro» ou do «Zé Biça»...

Depois, importaram-se treinadores, acabando por importar-se também (quando se não exportavam...) os próprios jogadores. Puro comércio, à cotação dos mercados...

E do passado — que nem por ser próximo, deixa de ser saudoso — gravaram-se-nos na memória os famosos tiros «à Décio», as defesas «à Zamora» do malogrado Zé Ferreira e o extraordinário virtuosismo da célebre asa-esquerda «Zé de Pinho — Maximiano».

O resto... é já presente.

O atletismo, exercício por excelência, com raízes fundas na antiguidade, também viveu

## O Passado e o Futuro

RECORDAÇÕES E ESPERANÇAS

Pelo DR. JOSÉ  
CHRISTO

em Aveiro horas de glória. Mas foram, infelizmente, horas de curta duração.

Depois do «Internacional Atlético Clube» — fundado em 1932 por um punhado de jovens desportistas, que à Causa deram toda a sua esforçada boa-vontade — nada mais surgiu.

E é pena! — pena, porque o atletismo está indiscutivelmente na base de outras modalidades; e pena porque as últimas provas organizadas em Aveiro tiveram lugar em 1936... já lá vão 16 longos anos!

Seria estultícia pretender, nestas breves notas, fazer a história do nosso passado desportivo. Tudo, pela força das circunstâncias, terá de ser feito, necessariamente, a correr — em ligeiros e imprecisos apontamentos.

No basquetebol, são já de ontem o «Cinco Escolar do Liceu de José Estêvão», o «Vasco da Gama», o «Beira-Mar» e o «Grupo Desportivo Aleluia».

A alimentar o fogo sagrado continua, cercado de dedicações, o «Clube dos Galitos» — campeão do Distrito.

Pode dizer-se que o ciclismo deixou de despertar interesse.

Victor Guimarães e Elias Cruz, foram casos isolados, depois da época áurea de Mário Duarte.

## O Presente

Por VIRGÍLIO VEIGA

Se o presente desportivo da nossa cidade refulgisse no firmamento do desporto, já não dizemos nacional, mas ao menos regional, qual estrela de primeira grandeza, a tarefa que nos foi distribuída seria bem mais fácil e agradável. Assim, sem chama que alimente o fogo da nossa paixão crepitante por estas coisas de exercícios físicos, sentimo-nos de certo modo embaraçados para dizer o que pensamos

do presente do desporto da nossa cidade. Mas já que aceitamos a incumbência, a que de maneira nenhuma nos quisemos furtar, atenta a origem e finalidade, empunhamos a caneta, que começou a deslizar vagarosamente, pensadamente.

Cogitando por uns momentos e relanceando, rapidamente, o álbum da nossa memória, ficamos estarecidos: tínhamos na nossa

(Continua na pág. 22)

Em automobilismo, Francisco Corte-Real Pereira demonstrou ser um exímio volante, com estofa de verdadeiro campeão, valendo-se da sua calma, dos seus conhecimentos e da sua incontestável perícia. Se um dia lhe for possível utilizar um carro que o ajude, será, aqui e no estrangeiro, um caso muitíssimo sério...

O «Hoquei Clube de Aveiro» marcou posição de destaque. Mas acabou em 1937.

Finalmente, os desportos da água: — a natação e o remo.

Seria tarefa fácil e agradável fazer a história da natação em Aveiro; mas é profundamente doloroso ter de afirmar que, em Aveiro, a natação passou à história...

As crianças aqui, parece que aprendem primeiro a nadar, e só depois ensaiam os primeiros passos em chão firme.

Pois, mesmo assim, dispondo de matéria prima de primeira qualidade, esvaçu-se o interesse por tão salutar desporto.

A natação tem, sem dúvida, um passado de esplendor. Desde MARIO DUARTE, até há poucos anos, foi a modalidade favorita dos aveirenses.

Alcançaram-se assinalados êxitos. A comprová-lo, os inúmeros troféus, conquistados em Portugal e Espanha, que enchem as prateleiras da sala nobre do «Beira-Mar».

Tobias de Lemos e Domingos Calisto alcançaram-se, por seu valor, a internacionais. Além desses, Joaquim Gonçalves, Joaquim e José Ferreira Vinagre, Francelino Costa, Leonel Graça, Alfredo da Maia Romão, os irmãos Cipriano, António, João e Acácio Agostinho da Costa, Serafim Moreira, Eduardo Guimarães, Amadeu Moreira — são nomes que não poderão esquecer tão cedo.

O remo atravessou um período de grandeza na época de MARIO DUARTE (sempre o mesmo nome!). Em 1894 efectuou-se em Aveiro a primeira importante regata, seguida de outras até aos últimos anos da Monarquia.

E esmoreceu o entusiasmo. Mas, em 1940, começou a afirmar-se, para honra de Aveiro e de Portugal, esculpido a letras de ouro, o nome glorioso do «Clube dos Galitos».

Campeonatos regionais (um brinquedo...), nacionais, ibéricos — são, sucessivamente, brilhantíssimos triunfos, como prestigiante foi a presença nos Jogos Olímpicos.

Mas o remo é a maior e mais consoladora realidade do presente. Não cabe aqui, onde só a saudade tem guarida...

A traços largos, descoloridos, esboçou-se o passado de Aveiro nos Desportos, em meia dúzia de despreziosas recordações.

E o FUTURO?...

Não nos fadou Deus com artes ou poderes de profeta.

Mas o futuro é, muitas vezes, aquilo que nós soubermos realizar.

Se todos nos decidirmos, na medida das nossas possibilidades, a amparar e auxiliar, sem partidarismos que dividam, o Desporto na nossa terra, o futuro será mais animador.

O futebol, o basquete, o hoquei em patins, a natação, o remo — têm, em Aveiro, largos horizontes.

Há deficiências notórias, sem dúvida: — Aveiro devia ter, e não tem, uma piscina e uma pista de remo. E isto não pode fazer-se, evidentemente, por simples iniciativa particular. Mas trabalhem todos por bem merecer a atenção dos poderes públicos.

Que Aveiro alcance no futuro o prestígio que desfrutou no passado. E' este o nosso voto — e é também a nossa esperança.

# Companhia de Seguros FIDELIDADE

Fundada em 1835

Capital e reservas: 135 milhões de escudos



A FIDELIDADE melhorou e completou o seu já conhecido Seguro do Clero, criando uma nova modalidade que permite conceder pensões mensais vitalícias, a partir da idade escolhida pelos Segurados, simultaneamente com direito aos subsídios e pensões de doença, acidente e invalidez, da modalidade anterior.

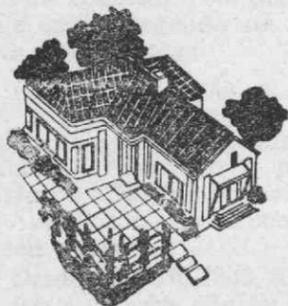


Para todos os esclarecimentos:

**"FIDELIDADE,"**

Largo do Corpo Santo, 13 - LISBOA

## Cooperativa Construtora Económica



**"A BEM ME QUER"**

Trav. do Galo d'Ouro, 5-1.º-D.

**AVEIRO**

Construção e aquisição  
de prédios para paga-  
mento em 20 anos

ACEITAM-SE Agências nas localidades ainda vagas

Ferros Electricos  
a 80\$00

Casa das Utilidades

Rv. Dr. L. Peixinho, 124 - Aveiro

**MOTO AJS 3,5**

Como nova, bom preço,  
vende-se: Ver e falar na Rua  
Aires Barbosa, 91-95, Tel. 209.  
AVEIRO

**A ÓPTICA**

Óculos para todos

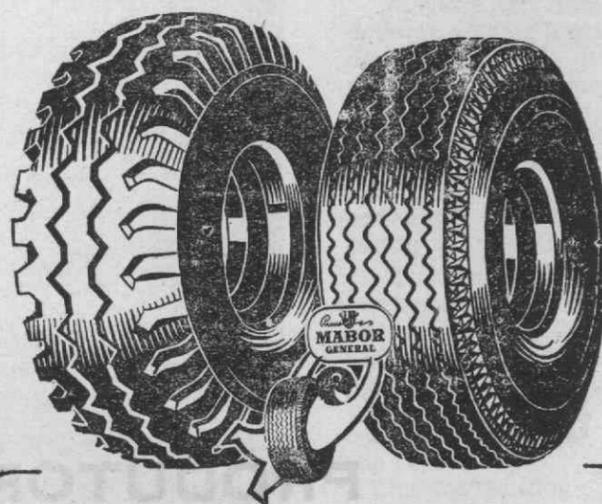
Telefone 274 AVEIRO

O melhor Café

é o da

Padaria Macedo

**AVEIRO**



TANTO PARA AUTOMÓVEIS  
COMO PARA CAMIÕES

OS PNEUS QUE SE RECOMENDAM  
PELA QUALIDADE E PELO PREÇO  
SÃO

**MABOR**

Agentes em Aveiro:

**DUARTE & PIMENTEL**

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 99 - Telef. 346 - AVEIRO

## Fogões a lenha

(Alba, Portugal, etc.)

Facilitamos o pagamento

Casa das Utilidades

Rv. Dr. L. Peixinho, 124 - Aveiro

## Talho de carnes verdes

Trespasa-se, bem afregue-  
sado, nesta cidade, por moti-  
vo de retirada do seu pro-  
prietário.

Informa-se nesta Redacção.

**A ÓPTICA**

Vende as melhores lentes

Telefone 274 AVEIRO

Minha Senhora, seja económica e elegante!  
Poupa muito dinheiro e ficará encantada com as côres  
modernas que a

## Tinturaria Pinoca DE ILHAVO

Ihe aplicará a seus vestidos, casacos, saias, camisolas, etc.

**Tome hoje mesmo a camionete de Ilhavo e, a trôco  
de 2\$20, poupará muito dinheiro, pois que nesta  
casa se fazem os melhores tintos a vapor, aos se-  
guintes preços:**

Casacos compridos . . . . .	25\$00
Casacos curtos . . . . .	19\$00
Saias . . . . .	9\$00
Camisolas . . . . .	9\$00

**Especialidade em tintos para luto**

**LARGO DO OITÃO - ILHAVO**

## Acaba de aparecer MIGALHAS

Reflexões Espirituais  
pelo Padre Vernocchi

Perfácio de Sua Eminência  
o Sr. Cardeal Patriarca  
de Lisboa

«Neste livrinho a pala-  
vra de Deus aparece par-  
tida em pequeninos... Mas  
será assim que ela se tor-  
nará mais acessível a todas  
as almas e, portanto, mais  
fecunda, mais activa e mais  
prática...»

Preço 12\$50 - Pelo correio 13\$50

Editora - CASA NUN'ALVARES - Porto

Anunciai no  
«Correio do Vouga»

# EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

Praça de Luís Cipriano

**Aveiro--Portugal**

Pesca do bacalhau por arrasto, e instalações de secagem e conservação de bacalhau na Gafanha e Aveiro

**PRODUTORES DE ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU,—TIPO MEDICINAL**

Pesca de atum à linha, em navios de alto-mar, especialmente construídos para esta pesca, com instalações frigoríficas para congelação de peixe

## Frota de Arrastões de Bacalhau

**Santa Joana - Santa Princesa - Santa Mafalda - Santo André - São Gonçalinho**

## Frota de Atuneiros

Rio Vouga

Rio Agueda

## A Câmara e Santa Joana

A Câmara Municipal de Aveiro, como aliás bem se compreende e era legítimo esperar, interessou-se sempre pelo culto de Santa Joana Princesa, ora promovendo-o, ora tomando nele parte destacada.

Levaria muito longe um estudo completo sobre este curioso tema, ao qual, por agora, faremos apenas ligeiras referências.

Nos livros da Câmara (n.º 3, fls. 164) encontra-se registada a *provisão* de 12 de Fevereiro de 1807, pela qual D. João, Príncipe Regente, ordenou se considerasse *real* a procissão da celeste Padroeira dos aveirenses.

A parte dispositiva do documento, integralmente transcrito no *Campeão das Províncias* (ano 49, n.º 25, de 11-5-1901), diz o seguinte:

«Hei por bem que a procissão que no dia da festividade da Princesa Santa Joana se costuma fazer na dita cidade (de Aveiro) seja considerada como real e que a ella assista e a acompanhe o senado da camara da mesma cidade, que nomeará as pessoas que deverão levar o palio e insignias principaes, e determinará o giro regular e decente da mesma procissão assim como costuma praticar nas procissões reais, assistindo também com as suas insignias à missa da festa do referido dia na dita egreja (do Mosteiro de Jesus) no lugar que lhe competir com decencia e decoro segundo as minhas reaes ordens».



A partir de então e até 1814, data em que, extintas as ordens religiosas masculinas, deixou de realizar-se a procissão, a Câmara Municipal de Aveiro cumpriu fielmente aquele dever.

Desde 1814 até 1843, nunca deixou, porém, de efectuar-se na igreja de Jesus a festa de Santa Joana, a que a Câmara Municipal sempre assistiu em lugar de honra.

Na sessão de 27 de Março de 1843, o presidente do Município, Domingos dos Santos Barbosa Maia, propoz, e foi logo aprovado, que a procissão de Santa Joana Princesa passasse a fazer-se todos os anos, sendo as despesas dela consideradas como obrigatórias da Câmara. E assim se procedeu até 1874, data do falecimento da última religiosa professa do Convento de Jesus.

Em 1875 e 1876 a festa e procissão realizaram-se por iniciativa de comissões particulares, motivo porque a elas não assistiram as autoridades e, designadamente, a Câmara Municipal.

Fundada em 1876 a Real Irmandade de Santa Joana Princesa, desde então voltou a Câmara a tomar parte nas festas e incorporar-se na procissão.

Esta prática manteve-se, com raríssimas excepções, até

ao advento do novo regime.

Nos livros de actas e outros papeis existentes no Arquivo Municipal encontram-se ainda curiosas notícias, algumas já publicadas pelo *Correio do Vouga*, sobre as relações da Câmara com o culto de Santa Joana.

Os *Estatutos da Irmandade*

## Real Irmandade de Santa Joana

NINGUÉM ignorará que foi instituída na igreja de Jesus a *Irmandade de Santa Joana Princesa*, com o fim de promover a assistência entre os seus irmãos e o

1882, com o título *Estatutos da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza de Portugal Filha de El-Rei D. Affonso V*, sendo já bastante raros os exemplares desta publicação.

Quando Sua Alteza o Príncipe Real D. Luís Filipe visitou o Convento de Jesus, em 13 de Outubro de 1901, o

## O túmulo de Santa Joana

NO esboço biográfico intitulado *D. Joanna de Portugal*, refere Marques Gomes que muitos julgaram ser obra de estranhos o magnífico túmulo de Santa Joana Princesa, chegando a afirmar-se convictamente que viera de Itália.

O erro foi há muito corrigido; mas nem por isso deixará de interessar uma breve notícia sobre o monumento sumptuoso.

Em 1692 presidia aos destinos do Convento de Nossa Senhora da Misericórdia (S. Domingos) o Padre Frei Pedro Monteiro, mestre em Artes, lente de Teologia, escritor erudito e pregador afamado, que, por estes e outros títulos, gozava de elevada consideração e muita simpatia.

Movido por uma grande devoção a Santa Joana, o Prior dos dominicanos jornadaou de Aveiro a Lisboa, obteve audiência e exprimiu a El-Rei D. Pedro II o seu ardente desejo de que os restos mortais da illustre Princesa fossem encerrados num moimento condigno.

Reclamavam-no as cinzas venerandas de uma Princesa altamente enobrecida pela excelência das suas virtudes e impunham-no a piedade e o zelo de El-Rei e a boa reputação da sua corôa.

As razões doutrinariamente invocadas pelo frade postulante foram bem aceites por D. Pedro II que, «usando da sua generosidade, cometeu ao mesmo religioso a direcção da obra sem lhe quartar o custo da despesa».

Então se escolheu para a feitura do túmulo o arquiteto real João Antunes, já ao tempo considerado mestre insigne da sua arte.

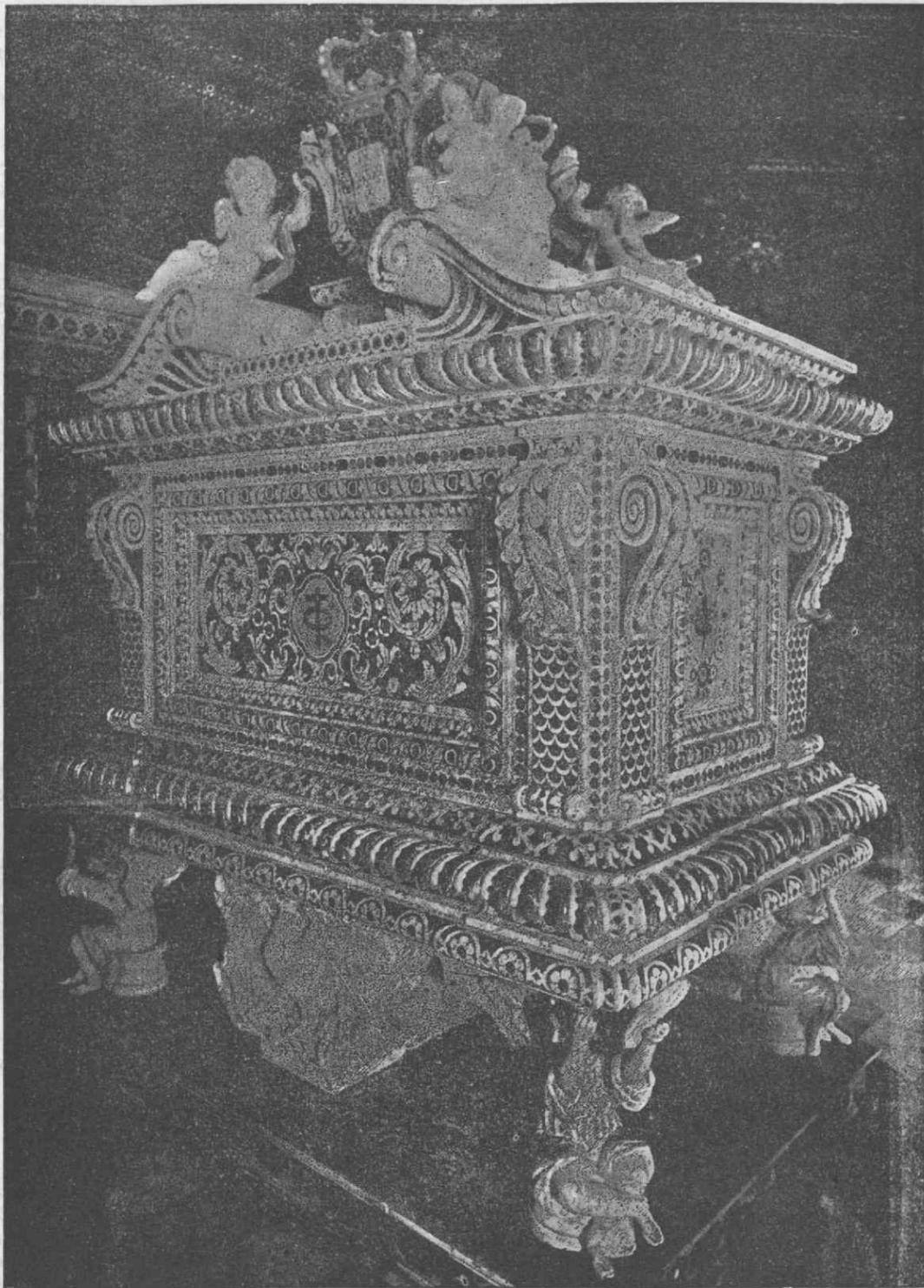
E assim foi que o Convento de Jesus ficou devendo à magnanimidade de El-Rei D. Pedro II o precioso escripto de tão preciosas relíquias, elegante monumento de mármore policromos embutidos com suma delicadeza e perfeição — exemplar honrosíssimo da Arte nacional, que Aveiro justificadamente se orgulha de possuir.

Sabe-se que a obra, de um valor inestimável, importou em 4.800\$000 réis.

Reaberta ao culto a igreja de Jesus, o túmulo deixou de ser, felizmente, uma riquíssima peça de museu; ao contemplar a maravilha, todos agora se lembram das cinzas venerandas que encerra e do bram os joelhos e erguem as mãos implorando favores e agradecendo benefícios a Santa Joana Princesa.

Que estas festas centenárias do seu nascimento ainda mais despertem na alma aveirense o fervor da virtude, a unção das lágrimas, a ansia de seguir o caminho luminoso e ardente que ella trilhou na terra.

A. C.



Igreja de Jesus — Túmulo de Santa Joana

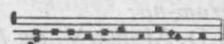
de de Santa Joanna Princeza de Portugal, datados de 1 de Junho de 1924, impoem à respectiva Mesa (art.º 10.º, n.º 4.º) a obrigação de «dar conhecimento à Câmara Municipal d'Aveiro do dia e hora em que devem ter lugar a solenidade e procissão da Santa Princesa, a fim de assistir àquelas solenidades e procis-

culto religioso de Santa Joana, praticando todos os actos de piedade e beneficência compatíveis com os seus rendimentos.

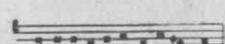
Os seus *Estatutos*, datados de 4 de Março de 1877, foram aprovados pelo Secretário Geral, servindo de Governador Civil de Aveiro, Adriano Augusto Rezende Murteira,

presidente da direcção da Irmandade, Dr. António Carlos da Silva Melo Guimarães, entregou-lhe o diploma de *Ir-mão honorário*, que o Príncipe aceitou com muito agrado e reconhecidamente agradeceu.

Os *Estatutos* foram modificados em 1 de Junho de 1924. Redigidos pelo Dr. Padre António Fernandes Duarte



## FASTOS



são e de concorrer, querendo, para as despesas da mesma procissão, segundo a antiga prática da mesma Câmara».

Com justificada razão, e mais ajustadamente à letra e ao espírito do Código Administrativo em vigor, a partir de 1951 o dia do feriado anual no concelho foi fixado em 12 de Maio, data do falecimento de Santa Joana Princesa.

em 26 de Março, e pelo Vigário Geral da Diocese, Dr. Manuel Baptista da Cunha, em 7 de Abril do mesmo ano.

Pelo decreto de 5 de Maio de 1877, foi concedido à Irmandade o título de *Real*.

Foram seus Juizes honorários Suas Magestades El-Rei D. Luís, El-Rei D. Carlos e El-Rei D. Manuel II.

Os *Estatutos* foram impressos em Aveiro no ano de

Silva, os novos *Estatutos da Irmandade de Santa Joanna Princeza de Portugal* foram aprovados por D. Manuel Luís Coelho da Silva, Bispo de Coimbra e Conde de Arganil, em 12 de Março de 1925.

Guardam-se aqui estas brevíssimas notas para a história da *Real Irmandade de Santa Joana*, que constitui um importante capítulo da história do culto da virtuosa Princesa.

## Missão honrosa

**S**ABE-SE que o Convento de Jesus da antiga vila de Aveiro era justamente considerado o mais austero de todo o reino de Portugal.

Por isso o escolheu Santa Joana Princesa e foi isso que motivou uma apreciável distinção de El-Rei Dom Manuel I.

Conta-se que o Rei Venturoso ordenou que todas as mesquitas edificadas no reino fossem destruídas ou transformadas em casas religiosas ou templos de cristãos.

A que existia no morro encimado pelo Castelo de S. Jorge, em Lisboa, uma das mais importantes da moirama em terras de Portugal, mandou o Rei que se adaptasse a convento, sob a invocação de Santa Maria da Anunciada, de quem era particularmente devoto.

Fosse ou não esta a origem do afamado mosteiro lisboeta, a verdade é que D. Manuel escolheu para fundá-lo as freiras do Convento de Jesus.

Tinha o monarca segura notícia da rigorosa observância das dominicanas aveirenses, quase todas senhoras ilustres por geração e altamente enobrecidas por suas preclaras virtudes.

Por mandado de El-Rei, daqui saíram para Lisboa, em 9 de Setembro de 1518, as cinco religiosas encarregadas da fundação.

Ia como vigária a virtuosa Madre D. Joana da Silva, filha do Conde de Penela D. Afonso de Vasconcelos — «bem amado sobrinho» do Rei Africano — e da Condessa D. Isabel da Silva, filha do Conde de Abrantes D. Lopo de Almeida, e irmã, entre muitos outros, do grande D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da Índia.

Acompanharam-na a Madre D. Brites de Noronha, filha dos Condes de Abrantes D. João de Almeida e D. Inês de Noronha, a Madre D. Leonor de Ataíde, filha do Conde D. João de Vasconcelos e da Condessa D. Maria de Ataíde, a Madre Isabel Luís e a Irmã Ana Dias.

A estas e não a outras, como corre em diversas publicações, se refere declaradamente o Memorial das religiosas profetas do Mosteiro de Jesus, que faz parte integrante da Crónica da Fundação e do Memorial da Infanta Santa Joana.

Com tão insígnies e diligentes fundadoras, não admira que o Convento de Santa Maria da Anunciada em breve se tornasse clausura da nobreza e alfobre de virtudes.

Em extremo delicado, era simultaneamente honrosíssimo o mandato de El-Rei D. Manuel I, que as freirinhas aveirenses souberam cumprir triunfantemente.

## A eleita do Senhor!...

Por VAZ CRAVEIRO

Na clausura sagrada  
Do seu humilde Mosteiro,  
Faleceu santificada,  
A Padroeira de Aveiro!...

— A sacrosanta Princeza  
Filha do Rei Afonsino,  
(Trocando o Paço, a Nobreza,  
Plo virtuoso destino  
De freira dominicana.)  
Foi exemplo fidédigno  
Do que vale o amor em Deus!

Tão virtuosa quão bela,  
Seus olhos volve prós Ceus  
Onde brilhava a Estrela  
Que lhe marcara o Caminho...  
Assim a nobre Princeza,  
Dia e noite vai rezando,  
Seu corpo martirisando  
No rude leito de pinho,  
Pela Fé no Salvador!...

Alheia a sonhos de amor,  
De poderio e grandeza,  
(No ermo da sua Cela)  
A nobre filha do Rei,  
Logo de Santa é chamada  
Pelas graças que irradia!...

E, as irmãzinhas, ao vê-la  
No seu místico esplendor,  
Vão-lhe chamando, à porfia;  
—E' Eleita do Senhor!...

Memória de seus Milagres,  
—Quem na pudera trovar?

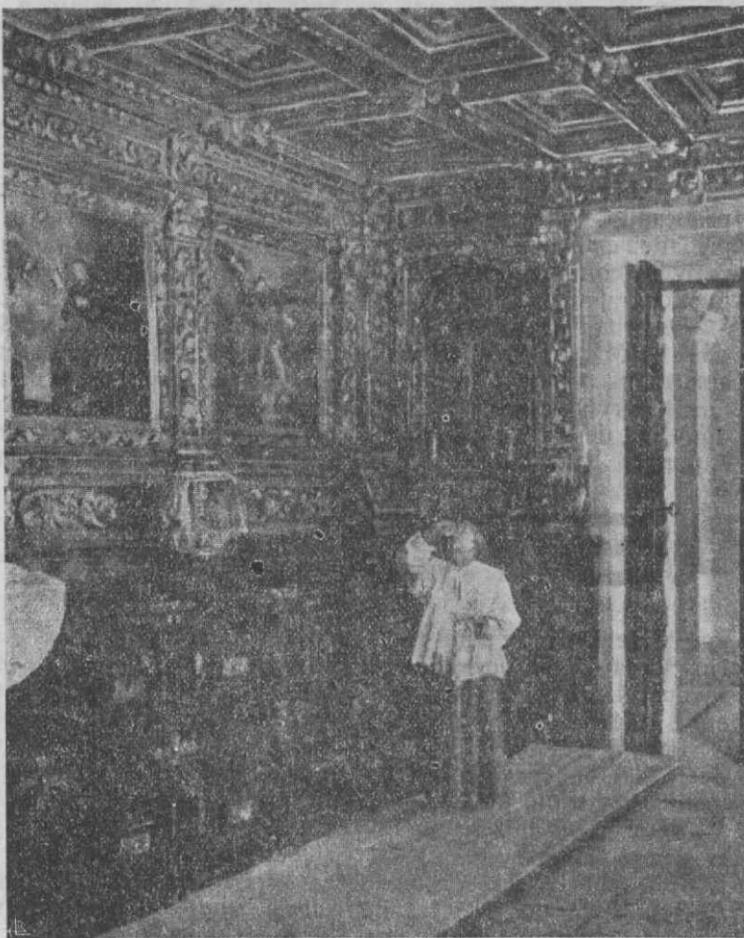
E a Fé que transparece  
Da graça que não lhe finda,  
—Quem na pode comungar?

Como se um lírio divino  
Em sua alma nascesse  
A alumiar-lhe o Destino,  
... Cinco séculos!... e ainda  
Este lírio floresce  
Como luz de eterna graça!...

Sim: — quem pudera trovar,  
Neste momento que passa,  
Uma oração, uma prece,  
Na Virtude que promana  
Da vida desta Princeza,

—PRINCEZA SANTA JOANA?!...!

Maio de 1952



A. C. AVEIRO — Sacristia de Santo António

Oleio de David Christo

## O testamento de Santa Joana

**E**M 19 de Março de 1490, Santa Joana fez o seu testamento «estando em todo o meu sizo e sem couza que possa embargar a esto no seu valioso», como nele expressamente declara.

Com excepção dos legados a alguns íntimos e servidores, a Santa Princesa deixou todos os seus bens ao Mosteiro de Jesus.

Impressiona a humildade com que a testadora se confessa sem merecimentos, solicita a caridade de sufrágios pela sua alma e a todos pede perdão.

Um outro passo curioso é aquele em que se refere «a El-Rey meu Senhor», ao qual deseja as bênçãos de Deus e a quem confia a protecção dos seus pobres: «e assim lhe pesso que ampare alguns moços que criei e no tem moradias».

E', porém, excepcionalmente notável a disposição do testamento pela qual Santa Joana concede alforria a todos os escravos, escravas, seus filhos e filhas e descendentes.

Importa ter presente a época em que foi feito o testamento para se compreender bem o largo alcance desta caridosa disposição.

O texto completo do notável documento pode ver-se no tomo segundo das *Provas da História Geneológica da Casa Real* (pág. 81) ou noutro livro, porventura mais acessível, a monografia de Marques Gomes sobre *O espinho da corôa de Christo da Casa da Oliveirinha* (pág. 6), curioso estudo sobre uma preciosa relíquia que pertenceu a Santa Joana Princesa. A. C.

## Festas da Cidade Programa

Sexta-Feira, 9

Abertura da exposição icono-bibliográfica de Santa Joana Princesa e inauguração da «Sala de Arte Oriental Dr. António do Nascimento Leitão», no Museu Regional de Aveiro.

A's 21,4 horas — No Teatro Aveirense, sarau.

Sábado, 10

Concerto pela «Banda de Pinheiro da Bemposta», das 12 às 14 e das 18 às 20 horas.

Abertura do II Acampamento de Aveiro.

II «Rallye» Automóvel a Aveiro.

A's 22 horas — Procissão nocturna em honra de Santa Joana.

Domingo, 11

Concerto pela «Banda de Vale de Cambra», às 10 h.

1.º Concurso de Pesca de Aveiro.

A's 11 horas — Solene Pontifical na Sé Catedral.

Concurso e Exposição Pecuaría, no Rossio, às 10 horas.

A's 14 horas, provas complementares do «Rallye».

A's 17 horas, procissão de Santa Joana Princesa.

A's 19 horas, marchas das Freguesias.

Segunda-Feira, 12

A's 11 horas, passeio fluvial à Mata de S. Jacinto, às 17, Regatas regionais, às 22, Marcha luminosa.

Terça-Feira, 13

Das 17 às 19 horas, Concerto pela Banda Amisade.

Quarta-Feira, 14

Concerto pela Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música, do Porto.

## Visitas régias

**A**S visitas feitas e as mercês concedidas pelos Reis e Príncipes de Portugal ao Convento de Jesus, constituem um luminoso feixe de gratas recordações, de bastante interesse para a história local e, sem dúvida, muito desvanecedoras para todos os aveirenses.

Do trabalho inédito O Convento de Jesus e os Reis e Príncipes de Portugal, do nosso colaborador Dr. António Christo, respigamos, a isso autorizados, a simples enumeração das visitas, de que há notícia, feitas ao mosteiro dominicano de Aveiro pelos Reis e Príncipes portugueses.

Visitaram-no:

El-Rei D. Afonso V, em 15 de Janeiro de 1462, dia em que lançou a primeira pedra para a construção da igreja do convento.

El-Rei D. Afonso V, o Príncipe D. João e a Princesa Infanta D. Joana, em 4 de Agosto de 1472, data em que esta deu entrada no seu querido mosteiro.

O Príncipe D. João, futuro Rei, em dia incerto do mês de Março de 1475, quando, acompanhado pelo Bispo de Evora, D. Garcia de Meneses,

procurava conseguir que a Princesa Infanta abandonasse o seu propósito de seguir a vida religiosa.

El-Rei D. António, Prior do Crato, em Setembro de 1580.

A Rainha D. Maria II, El-Rei D. Fernando e os Príncipes D. Pedro e D. Luís, em 23 de Maio de 1852.

O Infante D. Augusto, Duque de Coimbra, em 14 de Fevereiro de 1886.

El-Rei D. Luís, a Rainha D. Maria Pia e os Príncipes D. Carlos e D. Afonso Henriques, em 28 de Outubro de 1887.

O Príncipe D. Luís Filipe, em 13 de Outubro de 1901.

El-Rei D. Manuel II, em 27 de Novembro de 1908.

Todas estas visitas foram extremamente honrosas para Aveiro e, especialmente, para o Convento de Jesus.

O estudo donde as colignas, e que muito estimávamos ver publicado, dá, não apenas sobre tais visitas, mas ainda sobre as mercês concedidas ao mosteiro, notícias interessantíssimas, rebuscadas em crónicas e documentos dispersos, muitas vezes difíceis de obter ou compulsar.

M. C.

## Glória que não morre

(POEMA)

Por MÁRIO SARDO

**S**ALVÉ, Santa Princesa! Em fogo ardente  
não sabe mais a Lira qual cantar:  
Se Linhagem tão nobre, resplendente,  
Se Humildade tão simples a sonhar!

Santos e Heróis de Antanho, que a História,  
em sua voz de Bronze faz menção;  
Ilustres Gerações! Horas de Glória!  
Tudo em vós se reúne, em floração.

Vultos de Cavaleiros, em tropel,  
Revestidos de Sonho e Luz de Aurora,  
quais Romeiros cobertos de burel  
em caminhada louca, Mundo em fora!

Castelos venerandos! — Guardiões  
de velhos pergaminhos de grandeza!  
Velas cheias de azul!... Altas Visões  
dum Nome que foi grande com firmeza.

Tudo porém deixastes. Dessa glória  
fizestes Holocausto sobre o Altar.  
Uma cela... Uma cruz... Foi a vitória  
de Quem mais e melhor queria amar.

Aquilo a que fugistes, perseguiu-vos,  
— a Fama atrás dos Santos sempre corre —  
Fugistes ao mundo? Sim: Deus revestiu-vos  
Duma Coroa de Glória que não morre!

MAIO - MCMLII

ção popular, antecipando-se ao juízo da Igreja, desde sempre invocou como santa.

23 de Outubro de 1711 — Realiza-se solenemente a trasladação dos restos mortais de Santa Joana Princesa para o sumptuoso túmulo construído a expensas de El-Rei D. Pedro II.

17 de Dezembro de 1746 — São expedidas de Roma letras remissórias e compulsórias, dirigidas ao Bispo-Conde D. Miguel da Anunciação, para as diligências relativas ao processo da canonisação da bem-aventurada Princesa.

1 de Julho de 1750 — Com licença de El-Rei D. João V, concedida por carta de 18 de Maio de 1750, procede-se à abertura do túmulo e exame das relíquias de Santa Joana Princesa.

15 de Janeiro de 1939 — Após a restauração da Diocese de Aveiro, realiza-se a primeira grande peregrinação ao glorioso sepulcro de Santa Joana Princesa.



Museu de Aveiro — Sagrada Família — Grupo em barro de Machado de Castro

## Santa Joana Princesa

na toponímia de Lisboa e Aveiro

Entre as homenagens, de múltiplo carácter, prestadas à Santa Joana Princesa, devemos assinalar as que, segundo o costume adoptado pelos municípios de dar às ruas o nome dos vultos nacionais ou

locais de maior relevo, lhe consagraram as Câmaras Municipais de Lisboa e Aveiro.

Na capital, nos fins do século XVIII e século XIX existia uma rua de Santa Joana, designação que certamente es-

taria em uso desde os meados do século de setecentos - altura em que se supõe ter sido fundado o convento de religiosas dominicanas da invocação da padroeira de Aveiro.

Esta rua vem mencionada não só no «Quadro das principais entradas de Lisboa em 1800, segundo o Roteiro dos correios, para a distribuição da pequena Posta» mas também no «Manual Descriptivo de Lisboa e Porto», de João Inácio Crispiano Chianca, publicado em 1815. Esta obra considera como «rua de Santa Joana» o terço que ficava entre a Igreja de Santa Marta e o Largo do Chafariz do Andaluz.

Esse nome, porém, veio a cair em desuso e recentemente, o vice-presidente da Câmara de Lisboa, sr. Luís Pastor de Macedo, fez publicar um edital datado de 13 de Maio de 1949 (Diário Municipal n.º 4 213, de 24-5-1949), dando o nome de Santa Joana Princesa, no bairro de Alvalade, a uma moderna artéria que começa na avenida de D. Rodrigo da Cunha e termina no largo de Frei Heitor Pinto.

Por seu turno a edilidade aveirense, em 22 de Março de 1928, por solicitação da Comissão Central das Festas da Celebração do Centenário da Liberdade, a que presidia o famoso jornalista Howem Christo — de quem, aliás, partiu a iniciativa — entre várias alterações à toponímia citadina, resolveu que a rua de Miguel Bombarda passe a dominar-se rua de Santa Joana Princesa de Portugal.

E. C.

## Efemérides ★

6 de Fevereiro de 1452 — Nasce em Lisboa a Infanta D. Joana, filha de El-Rei D. Afonso V e da Rainha D. Isabel.

14 de Fevereiro de 1452 — A Infanta é baptizada em Lisboa e, logo em seguida, jura a Princesa e legítima herdeira do Reino.

15 de Janeiro de 1462 — D. Afonso V lança a primeira pedra para a construção da igreja do Mosteiro de Jesus.

6 de Setembro de 1471 — Por carta dirigida ao povo de Coimbra, a Princesa Infanta que, segundo alguns, teria ficado Regente do Reino durante a ausência do Pai e do Irmão, anuncia a tomada de Arzila e Tanger.

17 de Setembro de 1471 — Chegam a Lisboa El-Rei D. Afonso V e o Príncipe D. João; e a Princesa Infanta, que os recebeu pomposamente, pede ao Pai que a deixe entrar num convento.

30 de Julho de 1472 — Chega a Aveiro a Princesa Infanta D. Joana, acompanhada de El-Rei, do Príncipe e de luzida comitiva, da qual fazia parte sua tia D. Filipa, filha do Infante D. Pedro e irmã da Rainha D. Isabel.

4 de Agosto de 1472 — A

Princesa Infanta D. Joana dá entrada no Convento de Jesus.

25 de Janeiro de 1475 — Na sala do capítulo, a Princesa Infanta toma o hábito dsminicano, numa cerimónia comoventíssima.

26 de Janeiro de 1475 — Os Estados do Reino opõem-se à decisão da Princesa Infanta.

25 de Novembro de 1481 — A Princesa Infanta faz voto solene de castidade.

19 de Agosto de 1485 — Por carta passada no Mosteiro de Alcobaça, El-Rei D. João II fez mercê da vila de Aveiro à Princesa Infanta.

9 de Dezembro de 1489 — No Convento de Jesus, adoece gravemente a que ali se chamava Soror Infanta Joana.

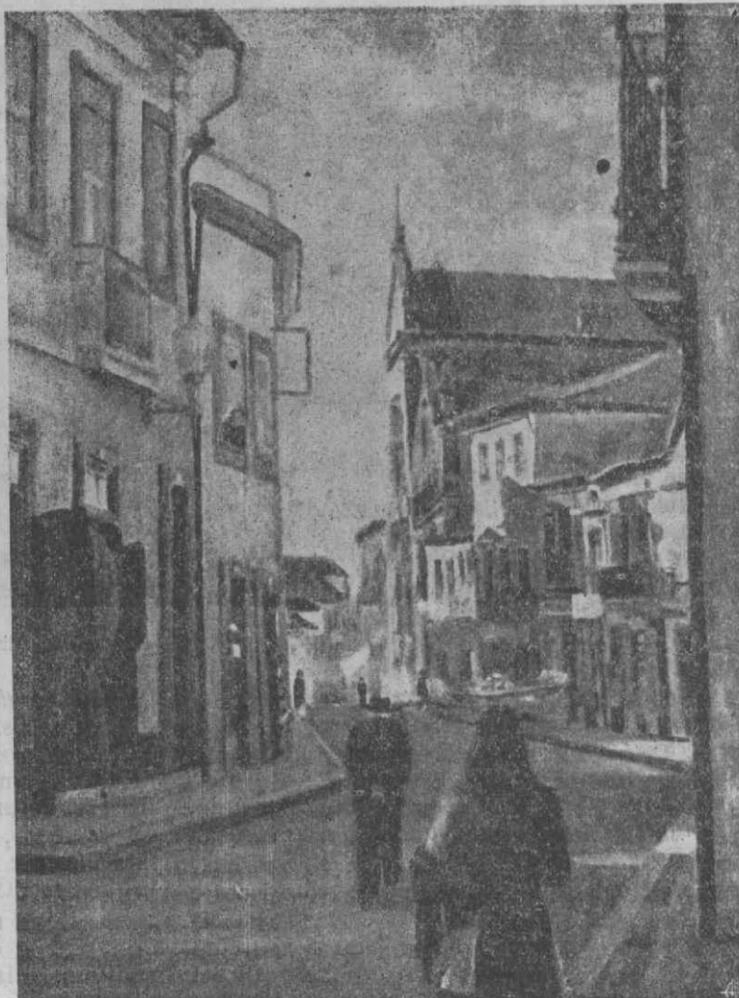
19 de Março de 1490 — A Princesa Infanta D. Joana faz o seu testamento, modelo de humildade e de caridade.

12 de Maio de 1490 — Morre no Convento de Jesus a Princesa Infanta D. Joana, que o cronista chama «excelente Infante e singular Princesa».

4 de Abril de 1693 — Pela bula *Sacrosancti Apostolatus cura*, de Sua Santidade o Papa Inocência XII, é beatificada a Princesa Infanta, que a devo-

AVEIRO - Rua Direita

Óleo de David Cristo



**C**ONHECIDOS são, por demais, os factos da história nacional: o regime cabralista semeara antipatias por todo o país e, no momento adequado, a semente deu seus frutos. Um motivo de aparência fútil, um simples motim popular por causa de uma lei sobre cemitérios desencadeou a revolta que andava há muito a reverter nos espíritos descontentes. O movimento sedicioso, que ficaria conhecido pelo nome de Revolução da Maria da Fonte própria ou indevidamente, teve início no Minho, em princípios da primavera de 1846, mas logo alastrou para a província de Trás-os-Montes, e daí à Beira.

Em Aveiro, a revolta popular dispunha de um ambiente particularmente propício. A prisão de Francisco António de Resende, engenheiro distinto e apreciado cultor das boas letras, ao tempo presidente da Comissão eleitoral, indignara, pela arbitrariedade, uma grande parte da população; e José Estevão lançara a sua voz potente e generosa contra as opressões do regime e dera alento à oposição armada ao detestado governo de Costa Cabral. Custar-lhe-ia a sua atitude de antagonista intransigente e audaz inúmeras contrariedades e perigos, uma perseguição persistente e implacável, e andar oculto, de casa em casa, até à própria residência particular do rei D. Fernando, durante dilatados meses. Chegariam a pôr a prêmio a sua altiva cabeça de tribuno, mas à medida que novos riscos lhe creavam, maiores simpatias a sua determinação de combate aliviava entre os conterrâneos.

Ora na casa do Terreiro, ora no solar do Morgado da Oliveirinha ou na Fábrica de Vista Alegre, mudando continuamente para não atraírem excessivamente as atenções das autoridades, os simpatizantes com a sedição do Minho, organizaram o levantamento da cidade cuidadosamente e estabeleceram com minúcia o programa de acção. No conluio, como se pode inferir pelos pontos escolhidos para a conspiração, andavam envolvidos alguns dos vultos mais destacados e prestigiosos da cidade: o citado morgado da Oliveirinha, Francisco Joaquim de Castro Corte Real, progenitor daquele que seria o famoso estadista José Luciano de Castro; João Carlos do Amaral Osório e Sousa Pizarro, futuro visconde de Almeidinha, que, como se viu, pusera o seu palácio à disposição dos conjurados; Alberto e Augusto Ferreira Pinto Basto, proprietários da importante fábrica de porcelanas; o quase septuagenário dr. Luís Cipriano Coelho de Magalhães, a quem a cidade inteira tributava o maior respeito, e um filho, António Augusto, porque José Estevão andava a jogar as escondidas com os mastins que a gente do governo havia lançado em sua busca e perseguição. E estavam comprometidos ainda Luís Estevão Couceiro da Costa, da velha casa de Vilarinho, João e José de Oliveira Queirós, Jerónimo de Moraes, Manuel Firmino, Joaquim António Plácido, que viria a ocupar a presidência da Câmara, e muitos mais. Na classe operária e entre os pescadores haviam também conquistado numerosos adeptos, pois a revolta era simpática à grande maioria, e muitos daqueles que evitavam cautamente os possíveis riscos, davam-lhe o seu apoio moral, que também serve de estímulo.

Tanta era a gente mais ou menos envolvida na maquinação para o pronunciamento, que o próprio governador civil, António José Vieira Santa Rita estava conhecedor dos trabalhos preparatórios, e, ao que parece, deixou correr, quase complacente, toda a trama revolucionária. A resistência com as escassas forças de que dispunha, cingidas a uns poucos veteranos, semi-trôpegos, e ao batalhão, extremamente apaisanado, dos empregados públicos, organizado no mês de Abril, era inútil e inviável. Assim, quando na manhã de 14 de Maio foi prevenido pelo primeiro oficial do Governo Civil José Ferreira da Cunha e Sousa de que a revolução sairia daí a horas, nem manifestou surpresa nem receio, limitando-se a recomendar que fossem prevenidas algumas pessoas afectas ao governo que, com alguma probabilidade, pudessem sofrer qualquer incómodo.

A revolta, antecipadamente vitoriosa, como se calcula, não passou, assim, de uma incruenta invasão do governo civil, da casa da guarda da cadeia e do quartel de veteranos, onde a resistência teve apenas carácter simbólico. Foi disparado um único tiro, a esmo, pelo porteiro daquela repartição distrital, e esse mesmo perdeu-se no ar, se bem que por uma unha negra estivesse prestes a atingir Manuel Firmino.

O sinal para a revolta foi dado por alguns foguetes lançados no largo do Terreiro, mal ecoou a primeira badalada do meio dia na torre dos Paços do Concelho. Na rua, alguns grupos que aguardavam a conveniada indicação, ergueram vivas entusiásticos, gritaram doestos aos «cabrais», e os sinos da igreja de S. Gonçalo tocaram vibrantes, levando o rebate a toda a população, enquanto alguns mais proeminentes e ousados vultos da conjura detinham o primeiro magistrado do distrito, Ferreira da Cunha e o tesoureiro-pagador Loureiro de Mesquita. Praticamente, e já requisitados os fundos dos cofres públicos, a revolução podia considerar-se terminada e vitoriosa.

Como medida de precaução, efectuou-se mais uma dúzia de prisões e organizou-se um batalhão popular, composto por pescadores e artistas, efectiva ou nominalmente voluntários. Porque, também esses, tinham constituído um dos mobs da revolta, a gente do povo, a exemplo do que se praticara

noutros pontos do país, exigiu ao regedor da Vera Cruz, Manuel Crisóstomo de Melo Alvim, os conhecimentos da décima, significativamente apodados de «papeletas da ladroeira», e com eles ateou, na rua do Sol, para descargo da sua antipatia pelas novas onerações fiscais e pelos seus autores, uma alta e rubra fogueira.

Vitorioso o pronunciamento, sem efusão de sangue nem escusadas violências, tinham cessado as pressas. Por mais cinco dias, pelo menos oficialmente, permaneceram ainda na gerência do município o empreendedor presidente Domingos Carrancho, que imprimira à Câmara um ritmo mais vivo e mais profícuo, e os seus prestimosos colaboradores Francisco José Barbosa, António Teixeira Ponce Leão e Francisco António do Vale Guimarães — bisavô materno do signatário destas linhas — todos de conhecidas e firmes tendências cabralistas. Mas a 19, o dr. Luís Cipriano, credenciado pelos chefes locais da revolta, apresentou-se na Câmara e fez exarar no livro das sessões um auto, nomeando uma comissão municipal, constituída por Joaquim António Plácido, Serafim António de Castro, Filipe Luís Bernardes e João António de Moraes, aos quais fez entrega da administração concelhia.

Em linhas muito gerais, assim se desenrolaram os vários actos mais salientes da revolta da Maria da Fonte em Aveiro. Falta justificar, porém o título que encima esta nota breve. Que espécie de relação teria havido entre a ce-

leste padroeira da cidade e o pronunciamento anti-cartista? Em que poderia a devoção pela Santa Princesa influenciar os desígnios dos cumpridos na revolução? Vamos vê-lo.

Todos os os trabalhos preliminares para o levantamento da cidade haviam sido orientados para o fazer eclodir em

12 de Maio. E tudo estava a postos desde a véspera, pronto para a acção, quando algum dos conjurados obtemperou com uma fortíssima razão de impedimento, que a ninguém havia ocorrido. Nessa data festejava-se a egrégia padroeira dos aveirenses, a cidade ornava-se de galas, sairia a pomposa e solene procissão, era dia de festa grande, dia tradicionalmente dedicado ao culto de Santa Joana Princesa. Os sentimentos religiosos da população seriam ofendidos e muitos dos elementos revoltosos sentiram a inconveniência daquela data, pois a sua própria devoção seria tocada e afectada. Mas, mesmo no ponto de vista material e prático, estaria desaconselhado promover uma sedição, quando a cidade regorgitava de forasteiros e o movimento era intensíssimo. Decidiu-se, portanto, afinal em preito a Santa Joana, transferi-la para o dia imediato.

Sòmente sucedeu — e ainda aqui indirectamente se verá a influência da

excelsa Princesa — que o pregador encarregado do panegírico fosse o então pároco de Ossela, padre José Alves Pereira da Fonseca, mais geralmente conhecido por Padre José Lamego, que contava numerosos amigos e admiradores entre os conjurados. Orador experimentado e fluente, parece ter sido extremamente feliz no sermão desse dia, que encantou o auditório. Quiseram algumas pessoas que lhe eram afeiçoadas, demonstrar-lhe o seu apreço e o agrado pela notável oração pronunciada na igreja do mosteiro de Jesus, em louvor de Santa Joana, e ofereceram-lhe um jantar no dia seguinte. Travou-se, assim, um combate com outras armas e... outros adversários, e o «belicoso» espírito dos denodados lidadores foi mais que bastante para travar e prolongar animada liça oratória, em sucessivos brindes. Na circunstância, presentes, embora apaniguados das duas correntes que se degladiavam, abateram-se bandeiras. A política foi relegada para segundo plano pelo prazo de mais um dia. A atmosfera era de simpatia pela conjura, as disposições haviam sido tomadas de forma a garantir o êxito, e nada impedia, assim, que se preiteasse, confiada e prazenteiramente, o pregador distinto que, honrando a glória da Santa Princesa com filigranados tropos, lhes propiciara os enlevos do sermão magnífico.

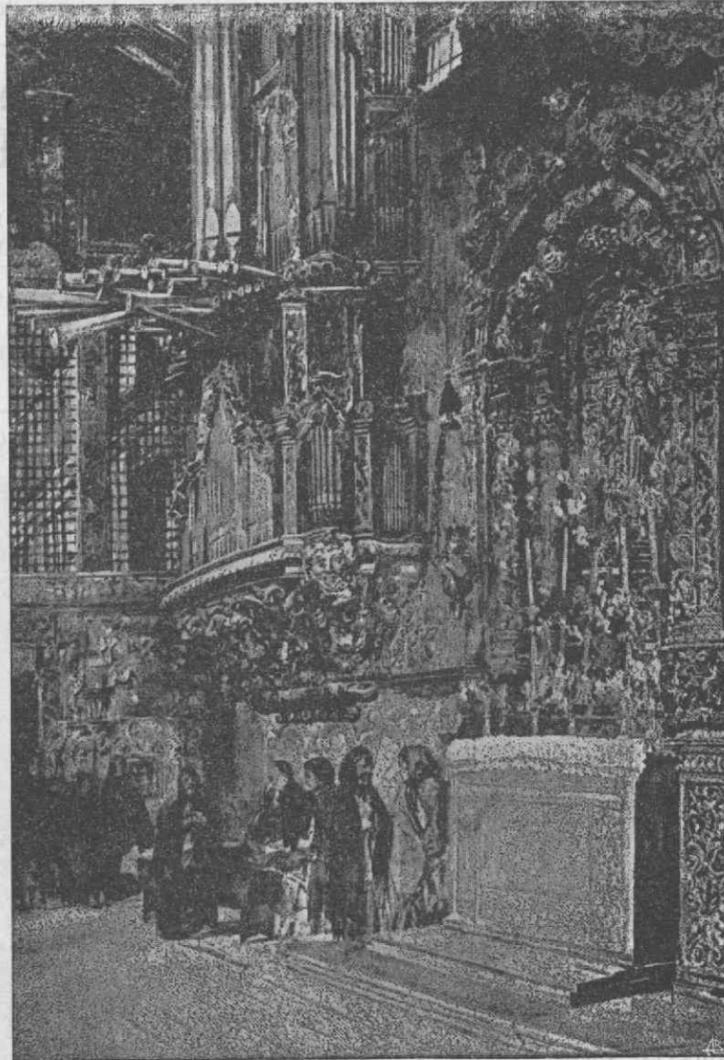
A revolução da Maria da Fonte em Aveiro veio, por consequência, a deflagrar em 14 de Maio. E talvez o adiamento trouxesse vantagens. Nos dois dias andaram os antagonistas, «cabrais» e «anti-cartistas», mais próximos, em cooperação para os mesmos fins, juntos à mesma mesa, ajoelhados defronte do mesmo altar, confundidos nas mesmas homenagens à Padroeira da sua terra. Esquecidos do que os separava nessas horas de camaradagem e de irmanação de sentimento, certamente se lhes terão desvanecido algum tanto as malquerenças. E a verdade é que se não apontam violências de monta, mas apenas algumas arrogâncias dos triunfadores e quaisquer despeitos mal disfarçados dos vencidos.

Vinte anos mais tarde, Francisco António de Resende, que, como apontamos, fora uma das vítimas das prepotências cabralistas, num folhetim poético de larga retumbância, adopta um tom ameno para se referir aos bons burgueses da Praça, destituídos da edilidade pela revolta e que se mantinham inaltravelmente fiéis à «carta»: A *Maria da Fonte* não podia ali ouvir-se bem... naquele ar... O hino patuleia... ali... na praça... se não foi brincadeira... foi pirraça.

... Deste modo, a veneração que, desde a sua vida de exemplares virtudes, a gente de Aveiro dedicou a Santa Joana Princesa, veio a exercer uma real influência na revolução local da Maria da Fonte.

## Santa Joana e a Revolução da Maria da Fonte em Aveiro

Por EDUARDO CERQUEIRA



Orgão da Igreja de Jesus — Aguarela de Alberto Sousa

**FORNO**

**ADAPTAVEL A QUALQUER FOGAÇO OU FOGAREIRO**

Este forno completa da maneira mais simples o conjunto indispensável a qualquer cozinha. É rápido, prático e limpo. É visível e regulável a evolução do assar.

Peso 1.650 K—Diâmetro 20 cm. Altura 20 cm.



**A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE**

**MERCANTIL AVEIRENSE, L.DA**

Rua João Mendonça, 19, e Av. Dr. Lourenço Peixinho

(Junto ao Teatro)

**JOÃO VIEIRA, LIMITADA**

Rua Direita, n. 17

**ESCOLA TÉCNICA DE CONTABILIDADE, LÍNGUAS E COMÉRCIO**

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 189 — AVEIRO

Autorizado pelo Ministério da Educação Nacional  
PROGRAMAS, PLANOS E MÉTODOS PRÓPRIOS  
CURSOS GERAIS

Chefe de Contabilidade, Chefe de Secção e Correspondente em línguas Estrangeiras — CURSOS LIVRES

Contabilidade Geral, Contabilidades especiais (Industrial, Agrícola e Bancária) Línguas (Português, Francês, Inglês, Alemão, etc.), Operações Bancárias, Seguros, Cálculo Comercial, Caligrafia, Estenografia, Dactilografia e todas as disciplinas relacionadas com o Comércio.

**Aulas Diurnas e Nocturnas**

TURMAS ESPECIAIS PARA ADULTOS

As matrículas são permanentes e admitem-se alunos em qualquer período do ano

**Câmara Municipal de Aveiro**

**Concurso**

Faz-se público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 5 do corrente mês, deliberou abrir concurso, pelo prazo de 20 dias, para a obra de «Urbanização da zona do novo Liceu de Aveiro — Pavimentação dos arruamentos a macadame» — cujo programa e caderno de encargos podem ser examinados na Repartição dos Serviços Técnicos desta Câmara, dentro das horas normais de serviço.

Base de licitação - 329.995\$00  
Depósito provisório - 8.250\$00

As propostas, escritas em papel selado e encerradas em sobrescrito lacrado, acompanhadas da guia comprovativa do depósito efectuado, deverão ser apresentadas nesta Câmara, até ao dia 26 de Maio corrente, pelas 14,30 horas.

Aveiro e Paços do Concelho, 6 de Maio de 1952.

O Vice-Presidente da Câmara,  
**Domingos Vicente Ferreira**

**MERKUR**



3 tipos de lâminas diferentes para todas as barbas

**PÊLOS**

Destruição radical de todos os pêlos inestéticos, por novo método eléctrico, às terças-feiras.

Tratamento feito por senhora diplomada em Paris.

Rua Eça de Queirós, 34  
AVEIRO

**A ÓPTICA**

**vende mais barato**

Telefone 274 AVEIRO

**Agradecimento**

Teresa de Jesus Sarrico, Manuel Gonçalves Sarrico, Nazaré Gonçalves Sarrico e Manuel da Cruz Pericão agradecem, por este meio, a todas as pessoas que acompanharam, na doença e no funeral, seu falecido marido, pai e sogro João Gonçalves Sarrico, de São Tiago, desta cidade.

Aveiro, 30 de Abril de 1952.

**CASA**

Vende-se, devoluta, com 8 divisões, arrecadações, facilmente adaptáveis a garagem, jardim e quintal com poço, aproveitável para construção, na Rua Homem Cristo, Filho. Informa Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 113.

**Vende-se**

**Máquina de escrever**

Smith-Corona  
(Portátil)

**CASA Souto Ratola**

Telefone 311

RUA DE VIANA DO CATTELO

AVEIRO

Grande e variado sortido de:

**Perfumaria  
Papeleria  
Carteiras  
Pastas  
Brinquedos**

Agente em Aveiro da Companhia de Seguros

**«A MUNDIAL»**

o maior organismo segurador português

**Trabalhos de máquina**

Executam-se com perfeição e rapidamente.  
Rua do Gravito, 13.  
AVEIRO

Ministério da Economia  
Direcção-Geral dos Combustíveis

**Edital**

Eu, Diógenes Carlos Loureiro Machado Palha, Engenheiro-Chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que a Companhia Portuguesa dos Petróleos «ATLANTIC» pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasolina e gásóleo, com a capacidade aproximada de 14.000 litros, sita na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, em Aveiro, junto à Estação de Serviço da firma Automóveis e Acessórios de Aveiro, L.d.ª, freguesia de Vera Cruz, concelho e distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36.270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio, explosão, derrames e emanações, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 28 de Abril de 1952.

O engenheiro-chefe da 2.ª Repartição  
**Diógenes Carlos Loureiro Machado Palha**

**Vendem-se**

Os 15 primeiros volumes da «Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira» com encardenação de 1.ª, de origem. Faz-se desconto.

Carta a este Jornal,

**Modernize a sua casa**

**Acompanhe o progresso**

Compre a prestações semanais ou mensais, sem aumento de preço, toda a aparelhagem eléctrica, doméstica ou decorativa, no estabelecimento de **Francisco Piçarra, & C.ª Lt.ª**

na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 69.

Todos os esclarecimentos serão dados no estabelecimento, nos escritórios, Rua Comandante Rocha e Cunha, 100, ou pelo telefone 92.

**Para grande duração**



A bicicleta RUDGE é famosa em todo o Mundo pela sua excepcional durabilidade. Esta característica tão própria da «Melhor Bicicleta da Grã-Bretanha» é um dos motivos porque a marca RUDGE sempre prestará os melhores serviços mesmo quando nas piores condições, correspondendo assim às suas necessidades. Escolha a bicicleta que lhe dará a garantia duma eficiência constante.



É impossível vencer uma bicicleta

**RUDGE**

Um Produto da Raleigh Industries Limited, Nottingham, Inglaterra

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

**LEACOCK (LISBOA), LDA.**

AVENIDA 24 DE JULHO, 16

TEL. 6 1127/8 • LISBOA

NÃO HÁ NENHUMA BICICLETA QUE SEJA COMPLETA SEM O CUBO COM DINAMO E MUDANÇAS DE 3 OU 4 VELOCIDADES



# Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro

(Alvarás de 12 de Dezembro de 1940 e de 12 de Julho de 1941)

SEDE:

RUA DO CONSELHEIRO LUÍS DE MAGALHÃES

**A VEIRO**

## Jurisdição:

Concelhos de:

*Aveiro Agueda Albergaria-a-Velha*

*Anadia Estarreja Ilhavo Mealhada*

*Murtosa Oliveira do Bairro Sever do Vouga Vagos*

# DUNIA

a camisa eterna

A **única** com tela indeformável nos colarinhos

Vendedor exclusivo em Aveiro

## Casa González

Telefone 288

## 8.ª Sensacional Excursão a Espanha

VISITANDO SALAMANCA, AVILA E MADRID

e dedicada à atraente cidade de **AVEIRO**

De 19 a 25 de Maio (7 dias) — preço por lugar 780\$00

**Nesta importância está incluído o transporte em moderno e confortável auto-carro e hospedagem em Espanha, em magníficos Hotéis.**

Partida de Aveiro, dia 19, às 6 h. da manhã

E' uma organização da Empresa

Peça imediatamente todas as informações complementares à Empresa e proceda sem demora à sua inscrição.

**Viação da Beira, L.da**

Os lugares serão marcados por ordem de inscrição

Lousã -- Telefone 9202

Impecável organização da Empresa: **Viação da Beira, L.da**

Lousã — Telefone 9202



UEM nasceu à beira-Ria tem, por força, a alma conformada numa escala de música. As exaltações que o júbilo ou a dôr urdem no seu íntimo expandem-se barulhentosamente — mas sempre com arranjo e ritmo. Talvez que esta luz, derramada sobre o lido, se lhe transforme, na alma, em sons — de modo que a Natureza teria aqui alcançado, há milênios, o que a técnica só há pouco logrou realizar.

Ainda no berço, entram-lhe pelo ouvido os repiques dos sinos, o estrolejar do foguetório, os acordes das bandas — com tal frequência que os ruídos lhe marcam no subconsciente o *vício* de ouvir e de cantar. *Vício*, precisamente.



«Ramos»

Oleo de Lauro Coraao

Solenes, agora, os irmãos franciscanos parecem concentrados — «Memento homo...» — aniquilando-se na terrível verdade: «E's pó!» Pó — látego do orgulho! Proclama-o, naquele itinerário dolente, a *Eva* com a macieira do pecado e o *Adão* com a enxada do castigo. A poucos passos da rebeldia, a exaltação da

sôbre a esperança da cura que ali vão a fortalecer: o filho, o pai, o marido, o irmão, o noivo — enfermos, «muito mal mesmo, *meu Nosso Senhor dos Passos!*» Que imensa dôr irá ali naquela dôr que tão humildemente se apouca diante da Suprema Dôr?! Canta-se o *Miserere*. Ima-

Entra o ano e sai o ano com música, foguetes, alacridade. São as *entregas* dos ramos — parêntesis de ruído e côr no calendário local.

E' que esta gente faz gala na mordomia; mas não ascende à dignidade de irmão, ou ao mandô na irmandade (seja do *Santíssimo*, do *Senhor do Bendito* ou do *Senhor Jesus*), sem solene investidura. A posse do noviço ou o *cargo* do mordomo são conferidos com a *entrega* do ramo aos pés do altar, escolhido em qualquer capela ou igreja pela devoção do empossado ou do eleito.

E de manhã, depois da missa de festa, lá vão os mordomos velhos pelas ruas, em duas filas, com sua opa vermelha, de *nobreza*, fato a rigor, luvas brancas, para *entregar* aos novos *parceiros* o ramo, artisticamente composto de flores artificiais, com o símbolo no tópo, a dourado, da confraria — lá vão eles, muito ufanos, ao som alegre da marcha em binário, a modinha em voga da revista que nesse ano foi aos palcos.

A' boca da noite, os que *entregaram* juntam-se no adro do parochial, agora envolvidos em gabões de burel, faixagarrida na cinta, barrete colorido de là, foguetes a tiracolo. E dali partem, à frente da música, à luz dos archotes e no meio de uma multidão ruidosa, para dar as *boas-festas* aos novos *parceiros*. Onde o ajuntamento se detém, logo se aprestam pares e rompe a dança. Os foguetes sobem ao ar, às dúzias, ecoando as *respostas* ensurdecidamente. Se o empossado é generoso, abre a porta: há dentro de casa arroz doce, figos passados, nozes, espetadas de mexilhões em escabeche e vinho a jorros.

E, noite alta, ainda reina na cidade o barulho da festança.

## DEVOÇÃO e RITMO

pelo DR. DAVID CRISTO

obediência — no *Anjo Querubim*, adornado de sedas, veludos e alamares, de capacete de prata, empunhando a espada de fogo. Depois, nos seus andores pesados como chumbo, os *Santos* — no mundo, reis ou pedintes; parificados, no Alto, ao Seráfico das Chiagas pela humildade que nele aprenderam — até parece, aos ombros dos homens, que caminham por seu pé na estrada etérea que os conduziu à Eternidade. E, a fechar, o *Santo Lenho* — o perdão que redime — sob o pálido, emergindo da capa roxa, lhamada, do *Padre-Ministro*.

E a procissão segue, ao compasso dos rufos, por entre alas respeitadas de milhares e milhares.

Pois, senhores, esta gente de Aveiro veste galas ou luto, franca, do mesmo modo, no seu sentir. A alegria, como a tristeza, atiram-lhe cá para fora o coração — mas o coração todo inteiro. E reflete-o bem, nas suas alternativas de emoção, o tom adequado das marchas das procissões.

Cala fundo a sua religiosidade nos *Passos* — nos da freguesia da Glória ou nos da Vera-Cruz, que àqueles fazem véspera: conduzindo o *Senhor*, levando a *Senhora* ao *Encontro*, ladeando a *Verónica* e os *anjos* com os *martírios*, estandarte à frente, deitado, a razar o chão, luto rigoroso até às luvas pretas, opa rôxa de seda e os homens do pálido e das insígnias de calção e meia, e sapatos com fivela de prata. Atrás do pálido, as mulheres de véu, descalças, muito conchegadas — massa informe de luto feito de muitos lutos! Trazem feridas no peito — umas cicatrizadas já pelo favor divino que ali vão a pagar; outras sangrando ainda

gem voltada ao mar, pelos que vogam nas ondas traiçoeiras — «Compadecete deles, Senhor!». Depois, aos presos, aos «criminosos» — «Amerceia-te deles também, Senhor!». Desterrados dos homens — quantas vezes por culpas dos mesmos homens! — «só da tua misericórdia esperam perdão!».

E quando, à noitinha, a procissão recolhe, caiem-nos lágrimas na alma. Tudo se conjuga, luz e som, para comemorar o Divino sofrimento em patética harmonia. Domina o sino maior, dobrando em soluços de bronze. Pungentes acordes, de grave tessitura, dramáticos como estertor de moribundo, apertam-nos o coração. A luz trémulas das lanternas vivifica os laivos de sangue da expressiva imagem que os mordomos conduzem, dando-nos a sensação de que a humana fragilidade do Divino Mártir se patenteia, ali, a nossos olhos.

Mas a garrulice desperta mal o Senhor Prior entoa a «Glória» na missa de Sábado de Aleluia. Os mordomos correm para a rua, agitando campainhas — a anunciar que o Senhor ressuscitou — ao tempo que uma bomba esventra o *Judas*, pendurado algures, pondo-lhe a arder as visceras de palha ante o gáudio do rapazio.

Outra vez côr, foguetes, repique de sinos — inundação de luz nas igrejas e nos olhos, barulhos de festa nos ouvidos e nos corações..

E quando, no Domingo de Páscoa, cada margem da Ria vai contornada de sua procissão, todos julgaremos

que Deus se multiplicou, em duas custódias, para ficar mais perto em cada freguesia...

Desde o começo de Maio, na preciosa Igreja de Jesus — que diversas épocas e estilos cobriram, de lés a lés, com seus primores de talha — vozes melodiosas entoam hinos à Princesa Santa.

E lá pelos meados do mês sai a procissão. Sedas e veludos, oiro e prata, atiram aos olhos uma fascinação sem par. Na lhamada das capas de asperges, das dalmáticas, do pálido, do estandarte, nas mitras dos Senhores Bispos, as mãos e a paciência das freiras, guiadas pela arte e animadas pela devoção, semearam canteiros de flores com fios de oiro e punhados de gemas: — um tributo verdadeiramente real à

humildade da Princesa que veio aqui hospedar a sua renúncia e entretecer, com virtudes, o diadema da sua santidade!

Nas festas de igreja, a música é ainda o tributo mais grato com que o aveirense venera. Por isso não hesita em contratar fora, sem discutir preço, o violoncelo ou a trompa de fama, para valorizar a orquestra nas missas de grande instrumental.

A's solenidades da *Senhora da Apresentação*, das *Quarenta Horas*, da *Senhora da Luz*, podem ir o crente e o melômano — que, ambos, por obra do som, ali serão gêmeos na crença e na arte.

Disparata para aí a crítica que este povo é antes amigo da ostentação do que apegado à crença; que o luxo que faz na opa é mais pecado do que virtude — com ele jogando o Diabo nas próprias marcas de Deus...

Ora seria errado dizer-se que a alma desta gente é branca, da brancura dos montes de sal; mas não vá exagerar-se que é negra, como a bajunça que os cobre: — meia-tinta, muito humana, feita de humanas fraquezas. Mas é notável que todas elas se fundem, afinal, na vaidade posta nas galas que tributa ao seu Deus.

Seja como fôr. Por mim vos digo: se calha ver procissão algures, que não aqui, logo Deus me parece mais pequeno — tão grande o sabemos nós fazer com as pompas que lhe tributamos.

Que, sabido é, Deus sempre entrou mais afoito no coração do que no entendimento. E o coração vê e ouve. Luz e som! Maravilha de luz que Deus esbanjou nesta terra! — mas que se lhe devolve, em

paga, transformada nos sons com que lhe compõem hossanas estas almas, conformadas, talvez por milagre da luz, numa escala de música...

Março — 1944

Andor dos Passos

Aguarela de Alberto Souza



Homens das insígnias

Aguarela de Alberto Souza



# A VEIRO

«A região de Aveiro é uma pequena Holanda em clima e luz ocidentais. Provavelmente pela extensa superfície de evaporação de centos de hectares de água salgada, toda esta região se distingue do norte do país pela luz irisada que a banha e de momento a momento muda de tom. Por vezes julgamo-nos aí transportados a uma região ideal...».

António Arroio

«Paisagem deliciosa e original, indecisa entre o mar e a terra, e que nos enche de vivo prazer quando dominamos desde os altos de Angeja à raiz das montanhas».

Oliveira Martins

«Com os seus nateiros fecundantes, a ria é para toda esta zona lacustre uma grande força criadora de riqueza e de uberdade. Todas essas terras em roda, numa extensão de muitos quilómetros quadrados, vivem dela. Os seus fundos dão-lhes, com a mais inexgotável abundância, os molhos, essa vegetação sempre renascente de algas que os alcatifa, e os lodos ricos em elementos fertilizantes, por meio dos quais se tem transformado em campos produtivos essa amplíssima região arenosa. Nas suas praias, ceifa-se o junco, que é a fôfa cama dos gados nos estábulos, e a fresca esteira das casas térreas. Das suas marinhas, as maiores e mais importantes do país, sai um sal precioso que é um dos principais artigos de exportação do comércio de Aveiro. E do norte ao sul, de ao pé de Ovar ao pé de Mira, em todos os seus braços e ramificações, nas suas cales profundas ou nos seus amplos espriados, o peixe e os moluscos abundam, numa grande variedade de espécies.

De cada um destes produtos que ela oferece ao homem, deriva uma indústria: e cada uma dessas in-

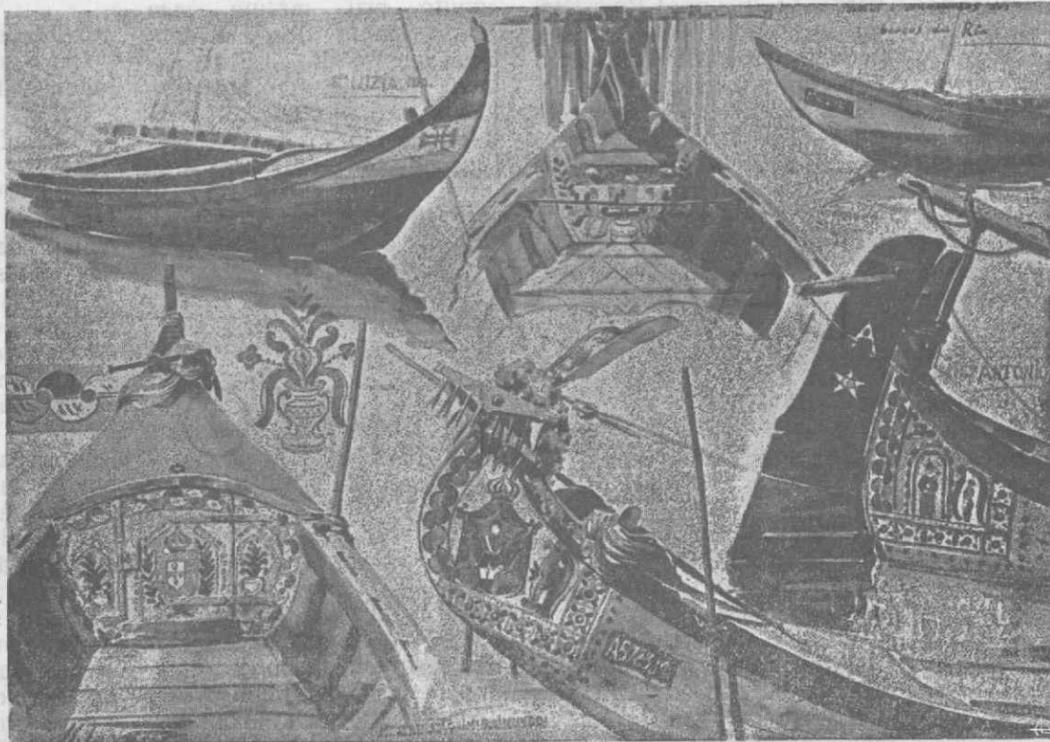
dústrias, que se exercem sobre a água, criou o seu barco próprio.

«Se, para cada uma destas indústrias, os barcos diferem, embora ligeiramente, o tipo dos seus tripulantes não é também o mesmo. Toda essa gente usa, é certo, ainda que já muito

«... la laguna ò estanque de Aveiro... no tiene semejante en todo el litoral ibérico,»

Dantin Careceda

(notável geógrafo espanhol)



Pormentores de barcos

Aguarela de Manuel Tavares

## Prôa de Barco

Versos de LUIZ CARLOS

Serenamente esguia,  
Hierática e dolente,  
Como côlo sereno de gaivota  
Sôbre o espelho da Ria,  
A sua Sombra segue a sua rota,  
Serenamente...

Ao longe, um Sol doente,  
Com laivos outonais de quem tem mágoas,  
Vai a enterrar p'rás bandas do Ponete,  
No Cemitério osseânico das Aguas.

E a sombra dêsse côlo de gaivota,  
Serenamente esguia,  
Prôa de Barco! — segue a sua rota  
Sôbre o espelho da Ria.

Oh Pescador!  
Que desenho bizarro e divinal  
Fôste um dia encontrar  
Nas velhinhas legendas do Passado,  
Que dêsse a Forma esbelta, original  
A' curva dêsse côlo encastoadado  
Nas Praias imortais de Portugal?

Foi tua Dama, feita d'Água e Espuma,  
— Filha daquelas vagas que, uma a uma,  
Morrem na areia assim que a onda parte, —

Que ditou o modelo, que não tinhas,  
Ao recorte feliz das suas Linhas,  
A' Simbolização da tua Arte?!

Reverberos do Sal lá das Marinhas,  
Canções de Amor e Cantos de Sereias;  
Grãos Ducados de Escravos e Rainhas  
Com Castelos mouriscos nas Areias;  
Constelações de estrêlas a brilhar,  
Névoas de manhã fria, humedecida,  
— Tudo deu Forma, e Côr, e Luz, e Vida  
A' Prôa do teu Barco...

É Ela o teu Destino e o teu Tormento...  
E, quando se ergue a vela, em noite escura,  
Quando cavalga, em desatino, o vento,  
Será também a tua Sepultura.

E a tua Dama de figura estranha,  
Essa que tem um verde e estranho olhar,  
Aonde, ao mesmo tempo, se desenha  
Tôda a tua Alegria e o teu Penar,  
O teu Amor e a tua Dor tamanha,  
— Prôa de Barco, ao vento, a destilar, —

A tua Dama — Pescador! — é o Mar!!

Aveiro, 7-3-1944

pem já, duma forma abominável, a pureza do lindo traje clássico. Todavia, a-pesar-de isso, um pescador da Murtoza, um mercantel de Aveiro, um moliceiro da Gafanha ou de Mira — não se confundem. Serão romos étnicos diferentes? Haverá neles características especiais de sub-raças? A diversidade das profissões e a sua curiosa localização em diferentes zonas e terras, originar-se-hão em desconhecidas estratificações de velhos elementos colonizadores, cuja história lentamente caiu num irreparável olvido? Eis o que não é fácil averiguar — mórmente para quem não tem a menor competência em questões etnológicas. Comtudo, um observador acostumado ao trato destas gentes facilmente lhes extrema o tipo e a fisionomia.

O homem de Aveiro ou de Ilhavo é duma nobre esbelteza de linhas, impelindo à vara a sua rápida bateira — é um dos mais belos espectáculos que se pode oferecer a quem olha, como artista, o corpo humano e aprecia a beleza, a elegância ou a energia das suas atitudes».

Luis de Magalhães

«... Trago nas veias o mesmo sangue de origem, andosempre com a mesma luz de Aveiro nos olhos, nasci no mesmo berço à beira-mar, ao marulho das ondas, tenho uma Ria e um barco à vela no fundo da alma, cubro-me com a sombra das tamargueiras e sorvo nos beijos a exalação das marinhas...».

D. João Evangelista de L. Vidal

«E' preciso ir a Aveiro e à sua mancha geográfica para conhecer os moliceiros, os barcos de altas proas re- viradas, decoradas de mil figurações policrômicas que não têm parceiras em qualquer outra parte do mundo».

Virgílio Correia

# Salve as suas Batatas

## APLICANDO

# "TUBERITE,"

Novo preventivo contra o grelamento

A «**Tuberite**», NÃO DEIXANDO A BATATA GRELAR, PERMITE PROLONGAR O ARMAZENAMENTO EM OPTIMAS CONDIÇÕES POR MAIS DE OITO MESES, COM UMA ÚNICA APLICAÇÃO

A «**TUBERITE**» não altera o gosto, aspecto ou qualidades da batata

### Um produto Plante Protection

Recomendado e distribuido

PELA

## COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Rua da Prata, 250  
Lisboa

Depósito  
em  
Aveiro

Rua Sá da Bandeira, 84  
Porto

## Finalmente!

A MÁQUINA ELÉCTRICA  
DE LAVAR ROUPA

# HOOVER

ENLEVO DAS BOAS  
DONAS DE CASA

Pequena, portátil e eficaz!  
A máquina que em **quatro minutos** lava cerca de **dois quilos** de roupa sem a danificar, porque não possui pás!

Consumo reduzido, 300 w por hora!

Peça uma demonstração em sua casa, sem qualquer compromisso, aos agentes



Trindade, Filhos, L.da - Aveiro Telef. { 59 ou 537

FABRICA ALELUIA

AVEIRO  
Azulejos — Louças  
Painéis com Imagens

A ÓPTICA

Aviamento rápido de  
receitas  
Telefone 274—AVEIRO

Consultório Médico e Cirúrgico

Dr. Ernesto Barros

Consultas: Aveiro-Largo da Estação, n.º 5-1.º, às terças, quintas e sábados, das 13 às 19 horas.

Em SALGUEIRO e NARIZ, às segundas, quartas e sextas, das 14 às 17 horas

Telef. 167 — AVEIRO

Agência Predial

Compra e venda de propriedades.  
Empréstimos sobre hipotecas.  
Arrendamentos de casas,  
avaliações, etc.

Diamantino Simões Jorge

Travessa da Câmara Municipal, 31  
AVEIRO

(Junto ao escritório do advogado Dr. Luís Regala)

Esquentadores

Tome chuveiro quente.  
Pagá-lo-á em prestações  
Casa das Utilidades  
Av. Dr. L. Peixinho, 124—Aveiro

## Armações - Lentes - Oculos de Sol

Aviamento de receitas médicas

# A ÓPTICA

Rua de José Estêvão, 23

AVEIRO

Telefone 274

## Agência Funerária Capela

DE

AMÉRICO DIAS CAPELA

Serviço permanente  
Chamadas a todas as horas

ESGUEIRA

AVEIRO - TELEF. 304

Dr. José Tavares

Médico especializado no Hospital

LAENNEC - PARIS

Doenças dos ouvidos, nariz e garganta

BRONCOSCOPIA

Esofagoscopia sob ampliação

Extracção de corpos estranhos das vias aéreas e esófago

Rua de Firmeza, 582

Andar principal — Esq. — PORTO  
Telef. 23934

Dr. Rui Clímaco

MÉDICO ESPECIALISTA

Antigo interno da Clínica Psiquiátrica de Coimbra

Doenças do sistema nervoso

COIMBRA: Avenida Navarro, 6 - 1.º — Tel. 4445

EM AVEIRO: Consultas todos os sábados, às 13 h.

Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 43

Casa - aluga-se

Em frente ao Jardim Público, com água quente e fria, encaçada. Aqui se informa.

Poderá colocar todos os seus produtos com facilidade, anunciando no CORREIO DO VOUGA

Carros e cadeiras

(Para crianças)

Novos modelos.  
Pagamento facilitado

CASA DAS UTILIDADES

Rv. Dr. L. Peixinho, 124—Aveiro

Escola de Aviação Naval  
"Almirante Gago Coutinho,"

Conselho Administrativo

Venda de sucata

Faz-se público que no dia 21 de Maio, do corrente ano, se procederá, nesta Escola, à abertura de concurso para a venda de vária sucata (dural, alumínio e aço) proveniente de aviões inutilizados.

As propostas deverão ser entregues na Secretaria do Conselho Administrativo até às 14 horas do dia 20 de Maio.

O caderno de encargos poderá ser examinado todos os dias úteis (excepto sextas-feiras e sábados) das 9 às 12 e das 14 às 16 horas, na Secretaria do Conselho Administrativo, em S. Jacinto-Aveiro.

S. Jacinto, 30 de Abril de 1952.

O Secretário-tesoureiro

Carlos Alberto Mota

2.º tenente a. n.

**A**INDA que a maior parte das gentes considerasse a vila de Aveiro «refeço lugar», e na opinião do Príncipe Perfeito mais parecesse ilha de desterro que vila, a filha de D. Afonso V escolheu o Convento de Jesus, em Aveiro, — a sua «Lisboa, a pequena», como graciosamente lhe chamava — para nesse humilde e pobre mosteiro dominicano sepultar a sua radiosa beleza, renunciando voluntariamente aos esplendores da côrte e à magestade de um trono.

A 4 de Agosto de 1472 entrou a Infanta no Mosteiro de Jesus.

Foi na manhã em que se celebrava a festa de São Domingos, de quem a Princesa desejava ser verdadeira filha. Só o Rei e o Príncipe, cobertos de luto, a acompanharam aos aposentos.

O Rei cavaleiro abençoou a filha que para reis educara. Ao seu espírito sonhador e ainda puramente medieval, não deixaria de agradar oferecer a Deus um tal sacrificio, mas — lê-se no Códice quincentista do Museu de Aveiro — «dissimulava a sua dor o melhor que podia».

Outro tanto não acontecia ao Príncipe: aquele que mais tarde, nos negócios do Estado, tão bem sabia ocultar os seus intentos, não pôde esconder o desgosto de ver em vida de clausura a única irmã, afirmando que com todo o seu poder a havia de tirar de tal vida.

Ela, a Princesa, com semblante alegre irradiando angelica beleza, despediu-se de humanas grandezas, de faustos reais, de cetros e coroas perecíveis.

Era muito formosa e esbelta. Bastante alta e delgada, linha o porte airoso e de grande magestade. A pele era branca e levemente rosada. Uns grandes olhos verdes, de expressão infantil, davam vida ao seu rosto de linhas puras e correatas. Os cabelos, cor de ouro esmaecido, emolduravam-lhe a fronte alta e inteligente. A testemunhar a sua beleza peregrina, lembrando uma virgem iluminada a ouro em Livro de Horas, está a tábua quatrocentista do Museu de Aveiro, cujo autor é desconhecido, mas que acusa o espírito de Nuno Gonçalves. É o único retrato autêntico da excelsa filha de «O Africano».

De há muito despojada das vestes reais, entrou no Convento tão modestamente vestida que não foi necessário mudar o traje secular. Não teve que tirar enfeites; e os formosos cabelos de ouro, herança da avó D. Filipa, se não estavam cortados, andavam recolhidos. O hábito de pano vil escondia a Princesa de Portugal, mas não ocultava a filha do ilustrado «Rei que primeiro em Portugal fez livraria», herdeira das qualidades intelectuais de seu avô D. Duarte, o Rei Filósofo, e de seus tios D. Pedro e D. Henrique.

Que prodigioso acto de humildade o daquela real Princesa prostrada aos pés do Crucificado, oferecendo-se como a última das suas ser-

## A excelente Infante e singular Princesa

Pela Dr.<sup>a</sup> ALBERTINA OLIVEIROS

vas, «pois para esposa não se achava digna»!...

«Senhor, eu não sou digna...» — dizia ela como o velho Centurião.

Ao entrar no pobre Convento das religiosas observantinas, encontrou uma vida nova — que não era outra coisa senão a morte continua de si mesma: morte dos pecados mais ligeiros e das mi-

nimas imperfeições, morte do mundo e de todas as coisas exteriores, e até morte da vontade própria.

No dia 25 de Janeiro de 1475, uma jovem Princesa, de pouco mais de vinte anos, trazida pela mestra das noviças, entrou na sala do Capítulo para receber o hábito dominicano.

Do seu angélico e formoso rosto, que havia extasiado os senhores do Ocidente, desprendia-se estranha e sobrenatural beleza. Soltos seus estrigados cabelos, uma religiosa cortou-lhos. Fez o triplice voto de obediência, castidade e humildade, e prometeu igualar à alvura das vestes a pureza da vida, e ao negro do manto a mortificação das pai-

xões. Logo no dia seguinte, se soube em Aveiro que a Princesa tinha tomado o hábito da Ordem. A vila treme de cólera e de indignação. O povo amotina-se, e, em grande grita, protesta contra a profissão monástica da Infanta e ameaça pedir a convocação das Côrtes, invadir o Mosteiro e fazer regressar a Princesa.

Não tardou que a nova se divulgasse por todo o Reino, e das cidades e vilas principais vieram os procuradores impor a anulação do estado da «singular Princesa».

Os fidalgos mostraram o seu desgosto à Superiora com palavras desordenadas e até irreverentes; e quando o Príncipe soube da nova, «como leão ruginte» se pôs a caminho de Aveiro. Acompanhava-o o Bispo D. Garcia de Meneses.

D. João dirigiu-se aos aposentos da Princesa, que veio recebê-lo.

Não era mais a irmã que conhecera na côrte de seu pai, companheira querida, trajando brocados, adornada com jóias de mil pedrarias, belos olhos verdes e brilhantes como esmeraldas raras, de cabelos espalhados pelos ombros e caindo ondulantes, lembrando trigais ma turos, de linda pele branca como lírios em flor, de porte donairoso e ativo, a todos vencendo com sua maravilhosa beleza.

Na sua frente deparava-se-lhe uma humilde religiosa, vestida de pano grosseiro e trazendo pendente um rosário de grandes contas negras. O rosto estava magro e pálido. Os lindos olhos, pelas vigílias e lágrimas, haviam perdido o brilho. Os loiros cabelos cortados!

Era a viva imagem da penitência, a Infanta que fôra «dentre todas a mais linda».

E também aqui «mais pôde enfim que a ira a piedade».

O Príncipe calou no peito as censuras e falou-lhe com grande comoção e ternura: ele, Príncipe herdeiro, não tinha outros irmãos, nem filhos, e ainda que a vocação a chamasse para aquele estado, a Princesa havia de sacrificar-se, porque o Reino tinha necessidade dela para governar, na sua falta. Era uma razão de Estado e das mais prementes: era o magno problema da sucessão.

Estava certa — responde a Infanta com humildade e firmeza — que o mesmo Deus que escolhera conservaria a coroa e daria sucessão ao Reino. A sua causa era de Deus, não estava sujeita a poderes humanos e, por isso, nenhuma força da terra a impediria de prosseguir no seu intento. Ainda que lhe custasse a vida, isso teria por ventura.

A ira do Príncipe atingira o auge. Furioso e indignado, acabou por dizer que «com ímpeto e sanha lhe romperia os hábitos que vestidos tinha».

E assim se partiu, deixando a irmã não pouco aflita.

Só, diante de Deus, a Princesa de Portugal — «a excelente Infante e singular Princesa» — continuava a obra de seus Maiores: — «Em serviço de Deus» fazia Cristandade.

Anadia - 1952.



Museu de Aveiro — Anunciação — Quadro de Massucci

### DUAS ORAÇÕES

Uma das muitas orações existentes em louvor de Santa Joana, foi composta por D. João Evangelista de Lima Vidal, hoje Arcebispo e ao tempo Administrador Apostólico da Diocese de Aveiro:

*Oração: Santa Joana Princesa, desvelada protectora das nossas terras de Aveiro! Nós todos, pequeninos e grandes, pobres e ricos, nos encomendamos fervorosamente à vossa celestial protecção. Pedí ao Senhor para cada um de nós o pão nosso de cada dia, e não só o pão da terra, mas sobretudo o pão da virtude, o pão descido do céu, como disse o Senhor, que dá vida ao mundo.*

*Fazei-nos, como vós fostes, puros, humildes, caritativos, piedosos, compadeciâos. Sede o nosso anjo da guarda nos perigos da terra, e depois, chegando o momento da morte, introduzi-nos, pela vossa mão carinhosa, na pátria que jámais acaba. Assim seja.*

Além da oração oficial da Igreja, que se encontra no Missal Romano e se reza em 12 de Maio, muitas outras foram compostas em louvor de Santa Joana.

Em 25 de Janeiro de 1751, o Arcebispo de Nicomédia, Nuncio Apostólico em Portugal, concedeu cem dias de indulgência aos que, diante da imagem da gloriosa Santa Joana, recitassem a seguinte

*Oração: Gloriosa Santa Princesa, vós que pela coroa de espinhos renunciastes às dos maiores monarcas do mundo, sendo Jesus Crucificado o vosso único esposo, alcançai-me do mesmo Senhor graça para que, imitando-vos na virtude da constância, saiba desprezar as delícias da terra e aspirar sempre às do Céu. Amen.*

Em 22 de Janeiro de 1899, o Bispo-Conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina, concedeu, por sua parte, quarenta dias de indulgência a quem rezar, uma vez cada dia, esta oração diante da imagem de Santa Joana Princesa.

# A Ria de Aveiro

Por LUÍS DE MAGALHÃES



COMO em todas as paisagens onde a água predomina, a diversidade e os contrastes de expressão são aqui extremos. No grande espelho da ria, a atmosfera reflecte os seus variados aspectos, transmitindo-lhos. Se a nortada sopra desabrida e rija, esse lago torna-se num mar revolto, cujas maretas dum verde pardacento cachoam em *carneiradas* espumantes. Os barcos abordam, lançam ferro ou amarram aos mourões, e ficam bailando doidamente sobre a vaga: e só um ou outro, acoissado do vendaval, corre ao largo vertiginosamente, com o pano nos rizes, e deixando atrás de si uma longa estria branca. Se reinam as frescas brisas mareiras e o tempo é claro, as águas, apenas suavemente arrepiadas, são como uma seda azul *moirée*, lantejoulada de oiro pelos raios do sol; e tudo em volta, praias, campos, pinhais, casarias claras, palheiros sombrios, velas brancas, cascos alcatroados de barcos, nos aparece com uma expressão de calma feliz numa divina espiritualização luminosa. Mas nas manhãs ou tardes de completa calmaria, quando nem só uma folha de erva treme, toda essa vastidão aquática é como uma placa enorme de aço brunido, onde tudo se espelha em imagens invertidas, com a precisão de linhas e a intensidade de côr dum esmalte brilhante e quente: as velas panejam em moles pregas ao longo dos mástros, as varas ou os remos abrem feridas de prata na epiderme fluida da água, todos os ruídos — um ranger de remo, uma vibração longínqua de sino, uma toada melancólica de cantiga, um toque de búzio, anunciando a passagem do barco do moleiro — passam como boiando com lentidão na água morta e expiram suavemente nessa ambiência de inefável serenidade. E, conforme a hora e o cenário do céu, essa paisagem elisamente calma, ao mesmo tempo movimentada e silenciosa, oferece tonalidades diversas: ora é toda em *nuanças* de sanguínea, com toques e relevos de oiro; ora em tons de azul, frescos e transparentes como os das marinhas dos azulejos de Delft; agora é o verde que predomina em gradações sucessivas, desde o verde-negro dos pinhais ao verde marinho das águas paradas; depois é o alaranjado dos poentes; depois o violeta dos crepúsculos; depois os cinzentos desbotados; os pálidos tons de pérola, as aguadas de nanquim da noite que começa...



“E se há luar, se a lua cheia, surgindo atrás da cumiada das serras longínquas, vem banhar toda essa extensão de águas e de planícies — então os aspectos que ela oferece têm qualquer coisa de maravilhoso, de irreal, como uma visão criada por um sortilégio mágico. Entre o céu e a ria, a linha da terra fronteira é apenas um longo e fino traço escuro, um delgado filote de sombra. Os astros que cintilam no espaço cintilam também nas águas, como se o firmamento se desdobrasse ou se prolongasse em abismo aos nossos pés. E de leste a oeste, sob a incidência do luar, um grande leque de prata tremeluzente abre o seu enorme triângulo luminoso sobre a água, a que a aragem apenas dá uma ligeira crispção. E' um esplendor! Então, num grande silêncio, em que só o monótono rumor do mar se ouve, uma pequena bâteira de pesca movida a remos, um *moliceiro* velejando lentamente, uma *mercantel* impelida à vara, atravessam, lá ao longe, essa zona iluminada, num destaque nítido e cortante de pequenas sombras chinesas. E dir-se-ão visões de sonho, barquinhos de fadas, tripulados por minúsculos gnomos, negras gôndolas misteriosas, deslizando sem ruído, numa laguna de águas argentinas...”

Os moliceiros e os pescadores da Murto-sa são os que mais a povoam. Toda a semana, durante alguns meses, vivem sobre essas águas, apanhando o moliço ou lançando as redes, dormindo na prôa dos seus barcos, cosinhando neles ou perto deles, em terra, a sua frugal caldeirada.



Ponte de S. João  
Fot. de Gervásio Aleluia



Largada dos barcos

Aguarela de Alberto Souza

## “A luz aqui estremece antes de pousar...”

Por RAÚL BRANDÃO

A ria é um enorme pólipó com os braços estendidos pelo interior desde Ovar até Mira. Todas as águas do Vouga, do Águeda e dos veios que nestes sítios correm para o mar encharcam nas terras baixas, retidas pela duna de quarenta e tantos quilómetros de comprido, formando uma série de pôças, de canais, de lagos e uma vasta bacia salgada. De um lado o mar bate e levanta constantemente a duna, impedindo a água de escoar; do outro é o homem que junta a terra movediça e a regulariza. Vem depois a raiz e ajuda-o a fixar o movimento incessante das areias, transformando o charco numa magnífica estrada, que lhe dá o estrume e o pão, o peixe e a água da rega. Abre canais e valas. Semeia o milho na ria. Povoia a terra alagadiça, e à custa de esforços persistentes, obriga a areia inútil a renovar constantemente a vida. Edifica sobre a água, conquistando-a, como na Gafanha, onde alastra pela ria. Aduba-a com o jundo que lhe dá o junco, a alga e o escasso, — detritos de pequenos peixes. Exploram a ria os mercantéis, que fazem o tráfego da sardinha, os barqueiros que fazem os fretes marítimos, os rendeiros das praias que lhe aproveitam os juncais, os marnotos, que se empregam no fabrico do sal, os moliceiros, que apanham as algas, e finalmente os pescadores da Murto-sa, que são os únicos a quem se pode aplicar este nome, e que entre outras redes usam a solheira, a rede de salto, a murgueira e a branqueira.

O homem nestes sítios é quasi anfíbio: a água é-lhe essencial à vida e a população filha da ria é condenada a desaparecer com ela. Se a ria adocece, a população adocece. Segundo Pinho Leal, em 1550, Aveiro tinha doze mil habitantes e armava 150 navios. A barra entulha-se, a terra decai. Em 1575, com a barra outra vez entupida, os campos tornam-se estêreis e a cidade despo-voa-se. A alma desta terra é na realidade a sua água. A ria, como o Nilo, é quasi uma divindade. Só ela gera e produz. Todos os limos, todos os detritos vêm carregados na vazante até à planície onde repousam. Isto é água e estrume, terra vegetal que se transforma em leite e pão. Palpa-se a camada gordurosa sobre a areia. E além de fecundar e engordar, a ria dá-lhes a humidade durante todo o ano, e com a brisa do mar refresca durante o estio as plantas e os seres. Uma atmosfera humedecida constantemente envolve a paisagem como um hálito.



Ninguém aqui vem que não fique seduzido, e noutra país esta região seria um lugar de vilegiatura privilegiado. E' sítio para contemplativos e poetas: qualquer fio d'água lhes chega e os encanta. E' sítio para sonhadores e para os que gostam de se aventurar sobre quatro táboas, descobrindo motivos imprevisíveis. E' o para os que se apaixonam pelo mar profundo, e para os medrosos que só se arriscam num palmo d'água — porque a ria é lago e mar ao mesmo tempo. Com meios muito simples, um saleiro e uma barraca, tem-se uma casa para todo o verão. Pesca-se. Sonha-se. Toma-se banho. E esquece-se a vida prática e mesquinha. Dorme-se ao largo, deitando-se a fateixa ou abica-se ao areal: um fogaréu, uma vara, a caldeirada... Começam a luzir no céu e na ria ao mesmo tempo miríades de estrélas. Vida livre dalguns dias, de que fica um resíduo de beleza que nunca mais se extingue. E' a ria também sítio para os que querem descobrir novas terras à prôa do seu barco e para os que amam a luz acima de todas as coisas. Eu por mim adoro-a. E-me mais necessária que o pão. E é este talvez o ponto da nossa terra onde ela atinge a beleza suprema. Na ria o ar tem nervos. A luz hesita e cisma e esta atmosfera comunica distinção aos homens e às mulheres, e até às coisas, mais finas na clareza carinhosa, delicada e sensível que as rodeia. A luz aqui estremece antes de pousar...



# O Milagre do Museu de Aveiro

(Continuação da 5.ª pág.)

ção do Museu e trabalharam pela sua dotação; que se manteve o culto na igreja; que logo após a minha entrada para a direcção do Museu, em 1925, para o que fui convidado pelo director geral de Belas-Artes que era o grande poeta Augusto Gil, e em plena república republicana, se realizou, com todo o antigo esplendor e a meu próprio incitamento, não só a festa interna, mas a procissão de Santa Joana, com todos os seus paramentos e alfaias; que de então para cá, nunca houve nem conflitos nem divergências entre o Museu Regional e a Igreja, antes tem havido completo entendimento e agradada colaboração na acção cultural e cultural, compreender-se-á plenamente o milagre a que o Dr. Pedro Vitorino aludiu.

Parece, na verdade, que o espírito gentil da Santa Infanta ali ficou pairando através de tantas vicissitudes da História, do tempo e dos Homens, e que o seu vulto real *muito* aposto, como no-lo descreve o Memorial de Margarida Pinho e no-lo mostra o seu retrato em traje de corte da sala dos Primitivos, ou muito

humilde sob o hábito de dominicana, como ela se nos depara nas imagens coroadas de espinhos do seu andor e do seu altar, por ali perpassa ainda, com a veneração de todos nós.

Respeitoso e humilde, como sempre perante as suas reliquias e a sua memória, tenho eu próprio, muitas vezes neste quarto de século, reivindicando para a nossa terra a glória que ela nos legou, e, invocando a sua protecção de bem-aventurada, acendendo a lâmpada simbólica e votiva que alumia o seu túmulo que, de tão perfeito no embutido dos seus mármore, parece ter saído ainda agora da mão dos lapicidas que obraram a sua maravilha.

Uma ou outra divergência deste ou daquele, esta ou aquela discussão em momentos menos calmos da política não perturbaram o senso da cidade no respeito da história, da tradição e do culto da Princesa-Infanta-Santa que, através do milagre do Museu Regional, são como a Fénix ardente e inconsútil de mármore de Carrara em que assenta a arca das suas cinzas.

## «Mãos rôtas de luz!»

(Conclusão da pág. 4)

são no seu conjunto, (digo exactamente: *no seu conjunto*) o melhor tipo físico da portuguesa. A sua maneira de andar, (que já a notou uma Rainha) é impressionante: uma graça antiquíssima vivida pelos nossos olhos dentro; a sua presença igual à que já tínhamos visto há séculos nas margens do Mediterrâneo; a sua feminilidade a um tempo sãdia e delicada, isto é, bem meridional; tudo isto é demasiado comum e evidente para que o não notemos. Simplesmente, neste firmamento humano as estrelas são tôdas da mesma grandeza. De vez em quando, uma estrela cadente risca, instantaneamente,

êste firmamento: é uma excepção que se escapa à uniformização. De modo que Aveiro, aqui ao meio de Portugal e o mais longe que se pode estar de qualquer fronteira com o estrangeiro, dá-nos a impressão, à qual não podemos fugir, de ser a nascente natural da semente portuguesa.

Lê-se perfeitamente em Aveiro, à luz prodigiosa dêste céu incrível, a verdadeira noção da palavra *povo*, êsse segredo sereno e longínquo, e que tem os vassallos da sua tirania sempre prontos para a ligação dos dias aos anos e aos séculos, quando haja e quando não haja cabeça.



# AVEIRO NOS DESPORTOS O PRESENTE

(Continuação da pág. 8)

frente um panorama nada animador (não olvidar que nos reportamos ao presente).

A sucessão de factos que se desbobinou na nossa frente, reflectida na tela do espaço, dava-nos conta de realidades pouco consoladoras. Mas narremos o que vimos, para que aqueles que tiverem a coragem de nos ler, apreciem e ajuizem, por seu turno, pois nos poderão opor sério desmentido—muito o estimariamos, acreditem.

Em futebol—a primazia tem cabimento, por razões assás conhecidas—a pobreza é uma realidade tão evidente que não carece de demonstração. Podem apontar-nos que possuímos uma boa equipa de júniores, onde campeiam raiosas esperanças,

que há duas épocas sucessivas conhece o galardão da vitória no campeonato distrital.

Sim, isso é verdade. Porém, baqueou sempre na primeira eliminatória—inglôriamente, é certo, mormente no recente despique sustentado com o F. C. Porto, conforme unanimemente foi reconhecido.

Mas numa cidade progressiva e com uma população que anda à volta de vinte mil almas, havemos de concordar que isto é muito pouco e que merecemos algo mais do que um grupo na III Divisão Nacional.

Em basquetebol, o Galitos, após longo interregno ocupando posições subalternas, conquistou o último campeonato regional, sucedendo ao Sangalhos. No concerto regional, o basquetebol aveirense, embora ligeiramente, tem melhor cotação que o futebol. Todavia, a sua qualidade está notoriamente diminuída em relação a muitos conjuntos nacionais. Contudo, participamos no Campeonato Nacional dos «graúdos», o que por si só já constitui uma honra.

Em hoquei patinado, o sucedâneo do extinto Hoquei Clube de Aveiro—o Galitos—está a dar boa conta de si, não obstante a sua tenra idade. Com comportamento modesto no campeonato regional do centro, na época finda, na corrente conquistou já um magnífico êxito, ganhando o «Torneio Preparação» sem derrotas, e no campeonato regional em curso, segue bem lançado, apontando-se como um dos favoritos ao título. Isto, logo após um ano, ou pouco mais, de prática da modalidade, diz-nos que o hoquei aveirense pode alcançar, em breve, posição destacada.

Em natação—ai a natação!—que existe? Nada!... Esta a dura realidade de um exercício por excelência salutar, por que o íncola da beira-ria nutre simpatia e para o qual dispõe de abundante e excelente potencial humano, com qualidades apreciáveis. Esqueceu-se a glória dum passado honroso e prestigioso, que foi além das nossas fronteiras, e que no presente, afinal, tomamos como única realidade—e que penosa realidade!...

Resta-nos—propositadamente deixámo-lo para o fim, para fecharmos em ar de festa—o Remo, Sua Excelência o Remo. Aqui, sim, Aveiro, é «grande», mesmo muito «grande». Os remadores do Galitos têm constituído a valorosa embaixada do remo português em competições ibéricas, em que conquistamos vários triunfos, em campeonatos europeus e no certame máximo do mundo—as Olimpíadas.

Temos atletas olímpicos!—honra que é propriedade de poucos.

Sem dúvida, o remo constitui a maior coroa de glória, o maior orgulho de todos os aveirenses. Justo, justíssimo, portanto, o auxílio e o carinho que lhe tem dispensado a cidade. Pelo seu honroso e brilhante comportamento em defesa do nome do desporto português, bem merecia o Clube dos Galitos que os dirigentes máximos da modalidade lhe proporcionassem melhores condições técnicas de preparação, orientando esforços no sentido de ser construída, em Aveiro, uma pista de remo. Seria um justo prêmio para quem tem trabalhado com tanta tenacidade, dedicação e sacrifício pelo remo português.

Posto isto, deixamos aos nossos leitores a liberdade de formularem uma opinião. Nós—e não somos pessimistas e muito menos derrotistas—não vemos, no presente do desporto da nossa cidade, motivos para embandeirar. Pelo contrário, entendemos que só há motivos para lamentações.



A Princesa — Um dos painéis da capela-mór da Igreja de Jesus

### ★ Panegiristas

SERIA absolutamente impossível uma enumeração completa dos panegiristas de Santa Joana Princesa.

Há, não obstante, dados suficientes para se poder afirmar que, através dos séculos, os mais afamados oradores exaltaram nos púlpitos, principalmente no da igreja de Jesus, as virtudes da excelsa Princesa.

O estudo dos panegiristas de Santa Joana, padres regulares e seculares, que, com a sua inteligência, cultura, arte e devoção, tributaram louvores à nossa Padroeira, daria uma obra volumosa e interessante.

Nesta apressada nota, que oxalá desperte em qualquer leitor o gosto daquele trabalho, desejamos referir apenas os ilustres panegiristas aveirenses que sabemos terem publicado os seus sermões.

O primeiro foi o «agudíssimo» Padre Sebastião Pacheco Varela, sacerdote extraordinariamente culto, que redimiu as suas faltas com rigorosas penitências e do qual se escreveu com verdade: «bastaria ele para dar glória a esta povoação».

Orador sagrado de largos vãos, deixou impresso o «Sermão da bemaventurada Santa Joana, princesa de Portugal e senhora de Aveiro», pregado no Mosteyro da mesma Villa, em que viveu e morreu, na última tarde do seu tríduo. Lisboa, em 1702, por Manuel Lopes Ferreira.

O segundo foi o Padre Dr. Francisco de Paula Figueiredo, que usava o nome arcádico de *Palemo*, escritor e orador de reconhecidos méritos.

No volume primeiro dos

seus *Sermões*, único que foi dado à estampa, em Lisboa, na Imprensa Régia, em 1803, inclue-se o *Sermão n'um tríduo de Santa Joana, pregado em Aveiro em 1800*.

O último é o Cônego João Evangelista de Lima Vidal, actualmente Arcebispo-Bispo de Aveiro, cujo elogio seria aqui descabido.

Dele existe publicado o famoso «*Panegyrico de Santa Joana Princesa*», recitado na Igreja de Jesus, em Aveiro, no dia 15 de Maio de 1898, e impresso em Coimbra, na Imprensa Academica, em 1899.»

Não nos é possível, de momento, verificar se foram dados aos prelos outros sermões ou panegíricos de Santa Joana Princesa da autoria de aveirenses.

Estes, e outros que porventura existam, bem mereciam ser compilados.

### ★ Detractores

POR mais estranho que pareça, Santa Joana teve também os seus detractores.

Sem dúvida por ódio à Igreja, que a beatificou, houve três escritores — e de outros não temos notícia — que procuraram apoucar as reconhecidas virtudes da excelsa Princesa.

Na folha local *Progresso de Aveiro*, de 16 de Maio de 1901, um seu colaborador, irritado com a extraordinária imponência das festas realizadas quatro dias antes, permitiu-se escrever, além do mais, este período:

«A festa de Santa Joana, a formosa filha de D. Afonso V, a quem Luís XI de França envolveu nos seus costumes ardís, levando-a a solicitar a aliança do seu temível adversário Carlos Temerário, e que

veio, segundo reza a má língua, residir em Aveiro atraída pelos encantos de certo frade da ordem de S. Domingos...».

Logo dois dias depois, o *Campeão das Províncias* referia-se a este amontoado de mentiras, consciente atropelo da história, repelindo-o com indignação e classificando-o de «baixo e infame».

Não se calou o articulista do *Progresso de Aveiro*, e isso deu ensejo a que o erudito escritor Marques Gomes o refutasse brilhantemente, em uma série de artigos magníficos publicados no *Campeão das Províncias* (números 29, 30, 32 e 33, respectivamente de 25 e 30 de Maio e 5 e 8 de Junho de 1901) sob o título *Retalhos d'história*.

Temos de memória que um outro escritor, este, ao menos pela sua posição social, com obrigação de respeitar a verdade, a adulterou também, em artigos que publicou no *Debate* e eram altamente ofensivos da memória veneranda da Santa Princesa, tratada depreciativamente por *Dona Joana*.

Se bem nos recordamos, acusava-se ali Santa Joana Princesa, além do mais, de ter fugido covardemente de Aveiro todas as vezes que aqui grassava a peste.

Esta e outras falsidades não as sofreu o ânimo do vigoroso paniletário Homem Christo que, em artigos publicados no *Povo de Aveiro*, positivamente «desaçou» o ousado articulista, rebatendo as suas afirmações com dados históricos irrefutáveis e estabelecendo o colaborador do *Debate*, pelo ridículo.

Vale a pena procurar na colecção do *Povo de Aveiro*, salvo erro de 1928, o que então ali se escreveu sobre o assunto, e que é, sem favor, curiosíssimo.

Em 1927, o escritor Marques Rosa publicou, na *Figueira da Foz*, sob o título

### ★ Canonização

BEATIFICADA por Sua Santidade o Papa Inocêncio XII, pela bula *Sacro-sancti Apostolatus cura*, de 4 de Abril de 1693, sempre a piedade dos aveirenses teve como *santa* a excelsa filha de El-Rei D. Afonso V.

A devoção do povo antecipou-se à declaração oficial da Santa Igreja, compreensivelmente demorada e cautelosa nos seus juízos.

Em 1746, a Madre Priora D. Arcângela Maria do Baptista, em nome da comunidade dominicana aveirense, suplicou à Sagrada Congregação dos Ritos a expedição dos ordens necessários para se organizar o processo da canonização da bemaventurada Princesa.

Porque tivesse solicitado de D. João V «o seu real patrocínio e ajuda de custo», como algures se diz, ou porque o monarca espontaneamente se dignasse proteger a causa, como também se pretende, a verdade é que, tão depressa quanto possível, o Rei Magnânimo se envolveu no piedoso negócio com tal empenho que sobre ele mandou escrever ao seu Ministro na Cúria Romana.

A instâncias suas se expediram, em 17 de Dezembro de 1746, letras remissórias e compulsórias, válidas por dois anos, ao Bispo-Conde D. Miguel da Anunciação.

Por justo impedimento do Prelado, não foi possível executá-las no tempo prescrito, pelo que o Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, Frei António Bremond, em Dezembro de 1748, alcançou da Santa Sé que o prazo fosse prorrogado por mais três anos.

Feitas as nomeações impostas e as demais necessárias, deu-se início ao processo, por suas múltiplas diligências forçosamente moroso, até

canonização com a importância de 2.600\$000 réis, que mandou entregar ao procurador já citado, Frei Inácio do Amaral.

Com a morte de El-Rei paralizaram as diligências, ficando incompleto o processo, que se encontra pendente.

Sempre, porém, a piedade dos fiéis continuou a venerar como *santa* a bemaventurada Princesa, confiadamente esperando o dia venturoso e tão desejado da sua canonização.

### ★ Beija-Mão

QUANDO El-Rei D. António, Prior do Crato, esteve em Aveiro, em Setembro de 1580, entrou no Convento de Jesus.

Frei Lucas de Santa Catarina explica os motivos da estimável deferência: «seria não só a honrar aquela casa, mas a visitar a sepultura da Santa Princesa Joana, consanguínea sua e herdeira que fora da corôa, que ele se segurava».

Deu-se então ali uma cena bastante curiosa que o cronista refere com alguns pormenores.

Rei de Portugal, D. António fez-se entronizar no còro, onde as religiosas foram beijar-lhe a mão.

Uma das freiras era Soror Isabel da Visitação, de quem o *Memorial das Madres e Irmãs falecidas no convento* reza «que desta vida presente se foi para a glória eterna» no ano de 1620.

Quarenta anos antes, Soror Isabel seria ainda muito nova e estaria na pujança da sua formosura.

O certo é que, chegada a vez de a humilde freirinha reverenciar D. António, este reparou «na perfeição da mão que buscava a sua para beijá-la», e daí «inferindo a beleza que ocultava o veu, pediu à prelada mandasse descobrir aquela religiosa».

O cobiçoso monarca queria ver o rosto, que adivinhava lindo, da humilde dominicana.

Mas Soror Isabel não esteve disposta a satisfazer a vontade de El-Rei. Sem dar tempo a qualquer palavra da Madre Superiora, prontamente se escusou, atalhando «com modéstia e inteireza»:

—«Senhor! Não estranhe Vossa Alteza a resistência, que eu valho-me dos privilégios que me deu esta venturosa mortalha. As esposas do Rei do Céu não é decente serem vistas, nem ainda das magestades da terra».

Reproduzimos o discurso transmitido pelo cronista sem assegurar que tais fossem exactamente as palavras nele usadas pela esquiva freirinha.

Interessa-nos apenas registar que a tentação de El-Rei não empanou a honra da visita e deu ensejo a que, na história do convento, de tão rigorosa observância, se escrevesse esta página amorável de perfumada delicadeza.

Como esta, tantas outras que, à volta do mosteiro onde Santa Joana sepultou as honrarias do mundo, se poderiam escrever, evocando nelas graciosos episódios que nos deleitam!



vocações ★  
de uma vida sublime

Notas pelo DR. ANTÓNIO CRISTO

*Princesa Joana*, o que pomposamente chamava um «romance histórico».

Trata-se de um trabalho volumoso e indigesto, manifestamente escrito *ad odium*.

Infeliz como romance, nada escrupuloso no respeito dos factos históricos, semeado de erros incommensuráveis e de aflitivas insinuações e irreverências, o livro não encontrou eco, passando despercebido.

Por forma que os detractores de Santa Joana Princesa, de que temos conhecimento, ou sofreram o duro castigo de reprimendas magistrais, ou o castigo incomparavelmente maior do desprezo geral.

A verdade venceu a mentira e a virtude nada sofreu com o ódio.

que, para proceder-se ao exame das relíquias, se tornou preciso abrir o magnífico túmulo em que se guardavam.

Para isso recorreu o procurador da causa, Frei Inácio do Amaral, a Sua Magestade El-Rei D. João V.

Por carta de 18 de Maio de 1750, dirigida a D. Miguel da Anunciação — jacobeu exaltado que, pelo seu irrequeitismo, veio a sofrer graves vexames e duros castigos — o Rei Magnânimo, muito pronta e gostosamente, concedeu a necessária licença para a abertura do riquíssimo sarcófago, acto a que se procedeu no dia 1 de Junho seguinte, com toda a reverência e solemnidade.

D. João V contribuiu para as despesas do processo da



**J**M dia, já vão passados quase cinco séculos, a fímbria doirada de um manto real tocou na sombra do pobre Convento de Jesus. E a própria sombra estremeceu ao fulgor da luz que irradiava da fronte de quem vinha e não queria, por coisa nenhuma, o diadema das coisas do mundo. E a própria sombra, depois, tocada do encanto da Princesa Romeira, se abriu em caminho de seus passos. E a própria sombra, como se rebesse, em esmola de luz, a luz de mil estrelas, — a própria sombra, à entrada do Mosteiro, tornou-se larga, heróica e fecunda, a cobrir, como um véu de protecção humana e divina, quantas lágrimas e dores, quantas angústias e misérias.

Feita religiosa, a sombra rezou à passagem da *Excelente Princesa*. Rezou de mãos postas, na atitude humilde de quem não sabe negar-se a cumprir o que lhe pedem.

A oração, porém, não é só a voz a dizer preces de palavras feitas ou a cantar salmos e hinos. Os joelhos, dobrados no lagedo de uma Catedral, podem ser a mentira de muitas almas.

Por isso a sombra, à passagem da Princesa que não foi Rainha, se desdobrou também na bênção da boa e cristianíssima caridade. E a sombra ficou a ser, em todos os dias, a horas certas batidas na sineta do claustro, a doce companhia dos pobres de pedir. E os farrapos dos pobres, que mal cobriam chagas antigas, logo e sempre sentiram, depois que a Princesa passou, os fios da luz que vinha das suas mãos sem anéis e do seu peito sem joias.

Por tudo isto, olhando, no longe do tempo, a formatura dos passos da excelsa filha de D. Afonso V e da Rainha D. Isabel, — a queremos hoje envolver no fulgor de um rosário de estrelas, que se fazem também, mais amanhã, rezas de lágrimas e orações de sorrisos.

Ficam marcadas na História a grandeza dos heróis e a epopeia das batalhas. Ficam presas à saudade do tempo as memórias gloriosas dos grandes da terra. O poema das ondas, em redondilhas de espuma, anda eternamente a cantar o aventureiro rojo daqueles que rasgaram caminhos novos no seio profundo das águas dos oceanos. E nas florestas vírgens, e nas areias ardentes dos desertos, e nos bramidos das selvas, quando tudo se abriu à passagem do homem sonhador, ficou o símbolo de uma presença viva, que é a apoteose rude da alma sobre o corpo, do espírito sobre a matéria. E a estrofe dos poetas, e a descoberta dos sábios, e a vela das naus, e a asa dos espaços, — tudo isto não é mais do que um rosário de coisas grandes, encadeado, à luz branca do luar, pela inteligência e pelo coração do homem.

Ainda aqui, porém, neste horizonte de linhas de sonho e escaladas

heróicas, onde quase não chega a tirania dos limites, — ainda aqui não ficam extasiados os nossos olhos. Eles sentem a ânsia da montanha mais alta, onde a luz é mais pura porque mais perto de Deus e das estrelas. Arrasta-os a torturante inquietação da palavra luminosa de Santo Agostinho. Trazem-nos em febre as faldas do Sinai e as areias de Patmos. Prendem-se às mãos suplicantes de Moisés e ao voo de águia de São João Evangelista. Cantam nos salmos de David e choram nas lamentações de Job.

Os olhos do homem, para além de todos os orgulhos e ambições, são dois eternos peregrinos de belezas, à procura de uma luz estranha que os satisfaça. E' que «o homem nasceu — conforme afirmou um pensador do nosso tempo — para não parar senão do lado de lá. Desde o princípio do mundo tem vindo, através de montanhas e desertos, de candeia na mão como Diógenes e, como o poeta de Florença, batendo à porta de todos os claustros longínquos».

O homem — espírito e carne que ele é — foi feito para o abraço do fim. Os seus lábios queimam-se enquanto não alcançam o beijo do Infinito. Os seus olhos, criados para o mistério da luz, só param, de contentes, no fulgor da luz que as estrelas altas irradiam.

A tudo isto — abraço do fim, beijo do Infinito, mistério da luz e fulgor das estrelas — temos nós que chamar a fome de Deus; o homem trá-la no peito, a revolvê-lo em calvários de espadas e mártírios ou a elevá-lo em volutas de místico incenso. A tudo isto nós queremos chamar o caminho da santidade.

A santidade é o olhar puro e simples de uma criança. E' o entusiasmo e fogo de conquista dos anos da juventude, quando o coração se prende à beleza dos arcos do triunfo. E' a ânsia ardente de martírio e o silêncio profundo na cova de um deserto. E' o verbo de um apóstolo e a candura de uma virgem. E' Paulo de Tarso e Agostinho de Hipona.

## Iluminar e Subir

- os dois verbos da sua vida -

PO. M. CAETANO FIDALGO

... E deste modo se recorta, como silhueta branca no fundo do tempo, a extraordinária e apaixonante figura da Princesa-Infanta Senhora D. Joana de Portugal, na eleição dos caminhos que a sua alma pedia, nos passos doloridos que a trouxeram dos faustos da corte do Rei seu Pai à humildade do pobre Mosteiro de Jesus e na subida crescente de virtudes, em tanta penitência e oração, até à glória daquela longínqua manhã de 12 de Maio de 1490.

Iluminar e subir foram, não há dúvida, os dois verbos da vida de Santa Joana. Ou só o primeiro, se quisermos, pois nele se contém e resume o sentido do segundo.

Iluminar é aquecer e transformam as estrelas, porque Deus as pôs nas alturas do firmamento.

A luz gera sempre um contraste. Pois deste mistério de luz e sombras, mais profundo e mais vivo depois que a Princesa se deu a procar o quanto real, de brocados e ciro, pelos linhos grossos do hábito de freira dominicana, nasceu e se fez a grandeza da sua vida.

A morte!

Mas é ver como ela ficou e tem andado na pera dos poetas e no pincel dos artistas.

A morte dos santos não cabe na pedra dos túmulos. Passa ao coração dos homens. Guarda-se na legenda dos séculos. Projeta-se para além da eternidade. Quando os santos morrem — é quando os santos vivem.

Afinal, não é contraste nem é paradoxo. Aquelas cinzas ali do coro de baixo da igreja de Jesus, mesmo que lhes falem o perfume das nossas preces e o beijo das nossas lágrimas, ainda são a presença da luz que se apagou, à distância de cinco séculos, Nem apaga. Nem apagará! E aqui vem hoje a dizê-lo, reconhecida e vibrante, a alma acinense. E aqui — nesta solene conagração para a glória.

Avôto, Maio de 1952.